

OS LUSÍADAS

X

- 1 **M**AS já o claro amador da Larisseia
Adúltera inclinava os animais
Lá pera o grande lago que rodeia
Temistitão nos fins Ocidentais;
O grande ardor do Sol Favónio enfreia
Co sopro que nos tanques naturais
Encrespa a água serena e despertava
Os lírios e jasmims, que a calma agrava,
- 2 Quando as fermosas Ninfas, cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.
- 3 Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, d'ouro finas,
Está co a bela Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egípcia antiga fama,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlântico tesouro.

OS LUSÍADAS

- 4 Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do Itálico Falerno
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando co a mistura d' água fria.
- 5 Mil práticas alegres se tocavam;
Risos doces, sutis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres apetitos;
Músicos instrumentos não faltavam
(Quais, no profundo Reino, os nus espíritos
Fizeram descansar da eterna pena)
Cũa voz dũa angélica Sirena.
- 6 Cantava a bela Ninfa, e cos acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual, os instrumentos
Suaves vêm a um tempo conformando.
Um súbito silêncio enfreia os ventos
E faz ir docemente murmurando
As águas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.
- 7 Com doce voz está subindo ao Céu
Altos varões que estão por vir ao mundo,
Cujas claras Ideias viu Proteu
Num globo vão, diáfano, rotundo,
Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos, e depois no Reino fundo,
Vaticinando, o disse, e na memória
Recolheu logo a Ninfa a clara história.

OS LUSÍADAS

- 8 Matéria é de coturno, e não de soco,
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago;
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Feaces um, outro em Cartago.
Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, por que em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo
O gosto de escrever, que vou perdendo.
- 9 Vão os anos decendo, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha
Das Musas, co que quero à nação minha!
- 10 Cantava a bela Deusa que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Índico suspira;
E que os Gentios Reis que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a ele ou logo à morte.
- 11 Cantava dum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que, só por não quebrar cos singulares
Barões os nós que dera d' amizade,
Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais ódios terá co a nova gente.

OS LUSÍADAS

- 12 E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remédio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Aquiles Lusitano.
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o férvido Oceano,
Quando mais n' água os troncos que gemerem
Contra sua natureza se meterem.
- 13 Mas, já chegado aos fins Orientais
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curvo rio
Desbaratará os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
D' espanto o ardor imenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.
- 14 Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis [de] Bipur e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor;
Fará que todo o Naire, enfim, se mova
Que entre Calecu jaz e Cananor,
D' ambas as Leis imigas pera a guerra:
Mouros por mar, Gentios pola terra.
- 15 E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que irá matando
A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates, apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.

OS LUSÍADAS

- 16 Já não defenderá sòmente os passos,
Mas queimar-lhe-á lugares, templos, casas;
Aceso de ira, o Cão, não vendo lassos
Aqueles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Cometam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos num tempo; mas voando
Dum noutro, tudo irá desbaratando.
- 17 Virá ali o Samorim, por que em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remédio ou manha boa
Nem força que o Pacheco muito estime;
Inventará traições e vãos venenos,
Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.
- 18 Que tornará a vez sétima (cantava)
Pelejar co invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa e agrava;
Mas, contudo, este só o fará confuso.
Trará pera a batalha, horrenda e brava,
Máquinas de madeiros fora de uso,
Pera lhe abalroar as caravelas,
Que até' li vão lhe fora cometê-las.
- 19 Pela água levará serras de fogo
Pera abrasar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
– «Nenhum claro barão no Márcio jogo,
Que nas asas da Fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma.
E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

OS LUSÍADAS

- 20 «Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos Cães não imbeles profligados,
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros, invocados,
Decerão a ajudá-lo e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.
- 21 «Aquele que nos campos Maratónios
O grão poder de Dário estrui e rende,
Ou quem, com quatro mil Lacedemónios,
O passo de Termópilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fábio,
Foi como este na guerra forte e sábio.»
- 22 Mas neste passo a Ninfa, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agardecido.
– «Ó Belisário (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!
- 23 «Aqui tens companheiro, assi nos feitos
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A baxo estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!
Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

OS LUSÍADAS

- 24 «Isto fazem os Reis quando embebidos
Nũa aparência branda que os contenta:
Dão os prémios, de Aiace merecidos,
A língua vã de Ulisses, fraudulenta.
Mas vingó-me: que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.
- 25 «Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és pera dar-lhe honroso estado,
É ele pera dar-te um Reino rico.
Enquanto for o mundo rodeado
Dos Apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.
- 26 «Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nome real e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil, áspero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.
- 27 «Também farão Mombaça, que se arreia
De casas sumptuosas e edifícios,
Co ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios.
Despois, na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

OS LUSÍADAS

- 28 «Das grandes naus do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co a férrea pela,
Que sai com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, masto, vela.
Despois, lançando arpéus ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nela
Saltando o fará só com lança e espada
De quatrocentos Mouros despejada.
- 29 «Mas de Deus a escondida providência
(Que ela só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço nem prudência
Poderá haver que a vida lhe reserve.
Em Chaúl, onde em sangue e resistêcia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egipto e de Cambaia.
- 30 «Ali o poder de muitos inimigos
(Que o grande esforço só com força rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os Antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Ceva verão, que, espedaçado,
Não sabe ser rendido nem domado.
- 31 «Com toda ùa coxa fora, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara.
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co alma o corpo se liara:
Ela, solta, voou da prisão fora
Onde súbito se acha vencedora.

OS LUSÍADAS

- 32 «Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.
- 33 «Eis vem o pai, com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos gíolhos
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,
Podê-lo-á o Indo ver e o Gange ouvi-lo.
- 34 «Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forças experimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaxando-lhe a tímida ousadia.
- 35 «E logo, entrando fero na enseada
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas.
A de Melique Iaz, acautelada,
Cos pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do húmido elemento.

OS LUSÍADAS

- 36 «Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores.
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.
- 37 «Mas ah, que desta próspera vitória,
Com que depois virá ao pátrio Tejo,
Quási lhe roubará a famosa glória
Um sucesso, que triste e negro vejo!
O Cabo Tormentório, que a memória
Cos ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquele espirito,
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.
- 38 «Ali, Cafres selvagens poderão
O que destros amigos não puderam;
E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Ocultos os juízos de Deus são;
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providência de Deus pura.
- 39 «Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

OS LUSÍADAS

- 40 «Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as setas estridentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a fé da Madre Igreja.
- 41 «Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate e Calaiate;
Até que à força só de braço aprendem
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barém tributo rico.
- 42 «Que gloriosas palmas tecer vejo
Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustríssima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.
- 43 «Eis já sobr' ela torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que liões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egípcia Santa Caterina.

OS LUSÍADAS

- 44 «Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grémio da Aurora, onde naceste
Opulenta Malaca nomeada.
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaus valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.»
- 45 Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe ãa ira que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais há-de ser um brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.
- 46 Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sação e o lugar, fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.
- 47 Não será a culpa abominoso incesto
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas cãa escrava vil, lasciva e escura,
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Cos seus ãa ira insana não refreia,
Põe, na fama alva, noda negra e feia.

OS LUSÍADAS

- 48 Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado experimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.
Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;
- 49 Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de Amor, que, enfim, não tem defesa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Per força, de Judita foi marido
O férreo Balduino; mas dispensa
Carlos, pai dela, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.
- 50 Mas, prosseguindo a Ninfa o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pôr espanto
Pelas roxas Arábicas ribeiras:
– «Medina abominável teme tanto,
Quanto Meca e Gidá, co as derradeiras
Praias de Abássia; Barborá se teme
Do mal de que o empório Zeila geme.
- 51 «A nobre ilha também de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa,
Dela dará tributo à Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos próprios tão temida.

OS LUSÍADAS

- 52 «Também Sequeira, as ondas Eritreias
Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande Império, que te arreias
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de água cheias
Verá, e o porto Arquico, ali vizinho;
E fará descobrir remotas Ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.
- 53 «Virá depois Meneses, cujo ferro
Mais na África, que cá, terá provado;
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Também tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás e serás inda tornado,
Cos títulos de Conde e d' honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.
- 54 «Mas aquela fatal necessidade
De quem ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado co a Régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
É maior na prudência que nos anos,
Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.
- 55 «Não vencerá sòmente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
Cometendo as bombardas, que, nos ares,
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os imigos d' alma todos sete;
De cobiça triunfa e incontidência,
Que em tal idade é suma de excelência.

OS LUSÍADAS

- 56 «Mas, depois que as Estrelas o chamarem,
Sucederás, ó forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.
- 57 «No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás, co valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:
Tudo fico que rompas e sometas.
- 58 «Mas na Índia, cobiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e sem razão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.
- 59 «Mas, contudo, não nego que Sampaio
Será, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, pera que, amedrontado,
Despois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

OS LUSÍADAS

- 60 «E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaúl temerá, de grande e ousada,
Fará, co a vista só, perdida e rota,
Por Heitor da Silveira e destroçada;
Por Heitor Português, de quem se nota
Que na costa Cambaica, sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.
- 61 «A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme:
De Chale as torres altas erguerá,
Enquanto Dio ilustre dele treme;
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue, porém, que nele geme
Melique, porque à força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.
- 62 «Trás este vem Noronha, cujo auspício
De Dio os Rumes feros afugenta;
Dio, que o peito e bélico exercício
De António da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.
- 63 «Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um, que já será ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francês, ao mar usado.
Despois, Capitão-mor do Índico mar,
O muro de Damão, soberbo e armado,
Escala e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

OS LUSÍADAS

- 64 «A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Por que contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Depois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecu, que assi com quantos veio
O fará retirar, de sangue cheio.
- 65 «Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei, com muitos, em fugida;
E depois, junto ao Cabo Comorim,
Ûa façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o Márcio jogo.
- 66 «Tendo assi limpa a Índia dos imigos,
Virá depois com ceptro a governá-la
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.
Só quis provar os ásperos castigos
Batalá, que vira já Beadala.
De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões desfeita e feia.
- 67 «Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co as obras derivado;
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.
Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte
Português terá sempre levantado,
Conforme sucessor ao sucedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

OS LUSÍADAS

- 68 «Persas feroces, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome têm,
Vários de gestos, vários de costumes
(Que mil nações ao cerco feras vêm),
Farão dos Céus ao mundo vãos queixumes
Porque uns poucos a terra lhe detêm.
Em sangue Português, juram, descridos,
De banhar os bigodes retorcidos.
- 69 «Basiliscos medonhos e liões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas cos barões
Que tão ledos as mortes têm por certas;
Até que, nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.
- 70 «Fernando, um deles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo, com ruído,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Céu subido.
Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e depois os inimigos.
- 71 «Eis vem depois o pai, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana.
Feitos farão tão dinos de memória
Que não caibam em verso ou larga história.

OS LUSÍADAS

- 72 «Este, depois, em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrépido, ao possante
Rei de Cambaia e a vista lhe amedronta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcão, do braço triunfante
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.
- 73 «Estes e outros Barões, por várias partes,
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha,
Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas Ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas empresas.»
- 74 Assi cantava a Ninfa; e as outras todas,
Com sonoro aplauso, vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas
Que com tanto prazer se celebravam.
– «Por mais que da Fortuna andem as rodas
(Nũa cónsona voz todas soavam),
Não vos hão-de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa.»
- 75 Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Tétis, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia:

OS LUSÍADAS

- 76 – «Faz-te mercê, barão, a Sapiência
Suprema de, cos olhos corporais,
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudência,
Por este monte espesso, tu cos mais.»
Assi lhe diz e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato.
- 77 Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vêm no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.
- 78 Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a Divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca s' ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,
- 79 Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim, o Arquetipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: – «O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

OS LUSÍADAS

- 80 «Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.
- 81 «Este orbe que, primeiro, vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem
Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.
- 82 «Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.
- 83 «E também, porque a santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que têm prudência
Governa o Mundo todo que sustenta
(Ensina-lo a profética ciência,
Em muitos dos exemplos que apresenta);
Os que são bons, guiando, favorecem,
Os maus, em quanto podem, nos empecem;

OS LUSÍADAS

- 84 «Quer logo aqui a pintura que varia
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A seus Deuses já dera, tabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando,
Nem nega que esse nome preminente
Também aos maus se dá, mas falsamente.
- 85 «Enfim que o Sumo Deus, que por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da Mão Divina veneranda,
Debaxo deste círculo onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre, tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga: é o Móbile primeiro.
- 86 «Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaxo deste leve, anda outro lento,
Tão lento e sojugado a duro freio,
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.
- 87 «Olha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nele tem curso ordenado
E nos seus axes correm cintilantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
Co largo Cinto d' ouro, que estelantes
Animais doze traz afigurados,
Apousentos de Febo limitados.

OS LUSÍADAS

- 88 «Olha por outras partes a pintura
Que as Estrelas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopeia a formosura
E do Oriente o gesto turbulento;
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.
- 89 «Debaxo deste grande Firmamento,
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaxo, bélico inimigo;
O claro Olho do céu, no quarto assento,
E Vénus, que os amores traz consigo;
Mercúrio, de eloquência soberana;
Com três rostos, debaxo vai Diana.
- 90 «Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do Centro longamente,
Ora da Terra estão caminho breve,
Bem como quis o Padre omnipotente,
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro
E tem co Mar a Terra por seu centro.
- 91 «Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sòmente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instábil exprimentam,
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se apousentam
Várias nações que mandam vários Reis,
Vários costumes seus e várias leis.

OS LUSÍADAS

- 92 «Vês Europa Cristã, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza.
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculto e toda cheia de bruteza;
Co Cabo que até 'qui se vos negara,
Que assentou pera o Austro a Natureza.
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem Lei, quási infinita.
- 93 «Vê do Benomotapa o grande império,
De selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá, pola Fé santa sua.
Nace por este incógnito Hemispério
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.
- 94 «Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados, em seus ninhos,
Na justiça real e defesa
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.
- 95 «Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos;
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Cristo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

OS LUSÍADAS

- 96 «Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu;
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.
- 97 «O Cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores;
Este como limite está lançado
Que divide Ásia de África; e as milhores
Povoações que a parte África tem
Maçua são, Arquico e Suaquém.
- 98 «Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as águas nas quais abriu patente
Estrada o grão Mousés na antiga idade.
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.
- 99 «Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co sepulcro de Santa Caterina;
Olha Toro e Gidá, que lhe falece
Água das fontes, doce e cristalina;
Olha as portas do Estreito, que fenece
No reino da seca Ádem, que confina
Com a serra d' Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos céus se não deriva.

OS LUSÍADAS

- 100** «Olha as Arábias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vêm os cavalos pera a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça;
Olha a costa que corre, até que cerra
Outro Estreito de Pérsia, e faz a traça
O Cabo que co nome se apelida
Da cidade Fartaque, ali sabida.
- 101** «Olha Dófar, insigne porque manda
O mais cheiroso incenso pera as aras;
Mas atenta: já cá destoutra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras que inda serão claras
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castelbranco nua a espada.
- 102** «Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão, dos navegantes;
Por aqui entra o lago que é fechado
De Arábia e Pérsias terras abundantes.
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
À cor da Aurora; e vê na água salgada
Ter o Tígris e Eufrates ãa entrada.
- 103** «Olha da grande Pérsia o império nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ela o nome despois e a glória teve.

OS LUSÍADAS

- 104** «Aqui de Dom Filipe de Meneses
Se mostrará a virtude, em armas clara,
Quando, com muito poucos Portugueses,
Os muitos Párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra, à força só de espada.
- 105** «Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpela,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos dões usados dela;
Carmânia teve já por apelido.
Mas vês o fermoso Indo, que daquela
Altura nace, junto à qual, também
Doutra altura correndo o Gange vem?
- 106** «Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima,
E de Jáquete a íntima enseada;
Do mar a enchente súbita, grandíssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê, riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.
- 107** «Vês corre a costa célebre Indiana
Pera o Sul, até o Cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quais hão-de viver muitas idades.

OS LUSÍADAS

- 108 «As províncias que entre um e o outro rio
Vês, com várias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demónio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpo de Tomé, barão sagrado,
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.
- 109 «Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica;
Os Ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se pubrica,
Tomé vinha prègando, e já passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.
- 110 «Chegado aqui, prègando e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira; e não duvida
Poder tirá-lo a terra, com possantes
Forças d' homens, de engenhos, de alifantes.
- 111 «Era tão grande o peso do madeiro
Que, só pera abalar-se, nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:
Ata o cordão que traz, por derradeiro,
No tronco, e fácilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um sumptuoso templo
Que ficasse aos futuros por exemplo.

OS LUSÍADAS

- 112** «Sabia bem que se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assi lho ensinou Cristo, e ele o prova.
A gente ficou disto alvoraçada;
Os Brâmenes o têm por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.
- 113** «São estes sacerdotes dos Gentios
Em quem mais penetrado tinha enveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja
Que inimiga não há, tão dura e fera,
Como a virtude falsa, da sincera.
- 114** «Um filho próprio mata, e logo acusa
De homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no a morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa
Que apelar pera o Padre omnipotente,
Quer, diante do Rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.
- 115** «O corpo morto manda ser trazido,
Que res[s]ucite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

OS LUSÍADAS

- 116 «Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rei se banha logo na água santa,
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.
- 117 «Um dia que prègando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruido.
(Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu subido);
A multidão das pedras que voava
No Santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.
- 118 «Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças
Com que os teus Lusitanos favoreças.
- 119 «E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a prègar a santa Fé?
Olhai que, se sois Sal e vos danais
Na pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias?

OS LUSÍADAS

- 120 «Mas passo esta matéria perigosa
E tornemos à costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a Gangética enseada;
Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixá, de roupas abastada;
No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;
- 121 «Ganges, no qual os seus habitantes
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes pecadores,
Esta água santa os lava e dá pureza.
Vê Catigão, cidade das milhores
De Bengala provincia, que se preza
De abundante. Mas olha que está posta
Pera o Austro, daqui virada, a costa.
- 122 «Olha o reino Arracão; olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
Dũa mulher e um cão, que sós se acharam
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.
- 123 «Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o império tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por empório ennobrecido,
Onde toda a província do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

OS LUSÍADAS

- 124 «Dizem que desta terra co as possantes
Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já d' antes
Juntas ambas a gente antiga viu.
Quersoneso foi dita; e das prestantes
Veias d' ouro que a terra produziu,
'Áurea' por epíteto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram.
- 125 «Mas, na ponta da terra, Cingapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita;
Daqui tornando a costa à Cinosura,
Se encurva e pera a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai se chama.
- 126 Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações, nunca sabidas:
Os Laos, em terra e número potentes;
Avás, Bramás, por serras tão compridas;
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.
- 127 «Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das águas se interpreta;
Tantas recebe d' outro só no Estio,
Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quais o Nilo frio;
A gente dele crê, como indiscreta,
Que pena e glória têm, depois de morte,
Os brutos animais de toda sorte.

OS LUSÍADAS

- 128 «Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço os Cantos que molhados
Vêm do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele cuja Lira sonora
Será mais afamada que ditosa.
- 129 «Ves, corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está, de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada;
Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.
- 130 «Olha o muro e edifício nunca crido,
Que entre um império e o outro se edifica,
Certíssimo sinal, e conhecido,
Da potência real, soberba e rica.
Estes, o Rei que têm, não foi nacido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,
Mas elegem aquele que é famoso
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.
- 131 «Inda outra muita terra se te esconde
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as Ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-se:
Esta, meia escondida, que responde
De longe à China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde nace a prata fina,
Que ilustrada será co a Lei divina.

OS LUSÍADAS

- 132 «Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue Português inda compradas.
Aqui há as áureas aves, que não decem
Nunca à terra e só mortas aparecem.
- 133 «Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.
- 134 «Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salutífero e cheiroso;
Olha a Sunda, tão larga que ãa banda
Esconde pera o Sul dificultoso;
A gente do Sertão, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.
- 135 «Vê naquela que o tempo tornou Ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
– Cheiroso, mais que quanto estila a filha
De Ciniras na Arábia, onde ela mora;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.

OS LUSÍADAS

- 136 «Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pola pedra onde está a pègada humana.
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das águas, soberana,
Cujó pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.
- 137 «Verás defronte estar do Roxo Estreito
Socotorá, co amaro aloé famosa;
Outras ilhas, no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde sai do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo oculta e preciosa.
De São Lourenço vê a Ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada.
- 138 «Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão que, no Ponente,
Dum Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho há-de fazer nunca cuidado.
- 139 «Vedes a grande terra que continua
Vai de Calisto ao seu contrário Pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo.
Castela, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo.
Várias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes, diferentes.

OS LUSÍADAS

- 140 «Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também, co pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis;
Descobri-la-á a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito, com verdade,
Português, porém não na lealdade.
- 141 «Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antártico Pólo vai da Linha,
Dũa estatura quâsi giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais avante o Estreito que se arreia
Co nome dele agora, o qual caminha
Pera outro mar e terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.
- 142 «Até 'qui Portugueses concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser accitos
Às eternas esposas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,
- 143 «Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, pera a pátria amada.»
Assi lhe disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

OS LUSÍADAS

- 144 Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E à sua pátria e Rei temido e amado
O prémio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.
- 145 Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera, apagada e vil tristeza
- 146 E não sei por que influxo de Destino
Não tem um ledor orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contínuo
A ter pera trabalhos ledor o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excelentes.
- 147 Olhai que ledos vão, por várias vias,
Quais rompentes liões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a pexes, ao profundo.

OS LUSÍADAS

- 148 Por vos servir, a tudo aparelhados;
De vós tão longe, sempre obedientes;
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar reposta, prontos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
Demónios infernais, negros e ardentes,
Cometerão convosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.
- 149 Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho à santidade.
Os mais exprimentados levantai-os,
Se, com a experiência, têm bondade
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.
- 150 Todos favorecei em seus officios,
Segundo têm das vidas o talento;
Tenham Religiosos exercícios
De rogarem, por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.
- 151 Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
Estendem não sòmente a Lei de cima,
Mas inda vosso Império preminente.
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

OS LUSÍADAS

- 152 Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só d' exprimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.
- 153 De Formião, filósofo elegante,
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.
- 154 Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.
- 155 Pera servir-vos, braço às armas feito,
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a pres[s]aga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina,

OS LUSÍADAS

156 Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter enveja.

NOTAS

1.1-6

“Mas já o claro amator da Larisseia / Adúltera ...”: *Larissen*, de Larissa, na Tessália, donde era *Corónis*, ninfa amada de *Apolo* e a ela infiel; “Lá pera o grande lago que rodeia / Temistitão, ...”: o grande lago que rodeia *Temistitão* (a antiga cidade do México ou o país) nos confins ocidentais é o Pacífico. O curso de água que deu o nome à principal cidade era o Tihcuco e o vale Tenochtitlan. Os Portugueses aplicaram o nome de Temistitão ao país e à capital (Ford); “O grande ardor do Sol Favónio enfreia”: o Zéfiro moderava os calores do Sol; “... nos tanques naturais”: nas águas do mar. *Fins* está por *confins*.

2.7

“Lhe ...”: lhes.

3.3-7

“... d’ouro finas”: de ouro fino (*trajectio epithetorum*); “... A quem não chega a Egípcia antiga fama”: banquetes superiores aos dados por Cleópatra (a César? A Marco António?); “... pratos de *fulvo* ouro”: louro; “Trazidos lá do Atlântico tesouro”: do Jardim das Hespéridas ou, mais simplesmente, dos palácios que têm nas profundidades do Oceano.

OS LUSÍADAS

4.2-5

“... do Itálico Falerno”: vinho da região de Campânia, louvado por Horácio (*O*, I.XXVII.10); “Mas da Ambrósia, ...”: ambrósia não é aqui alimento, mas bebida; “Nos vasos, onde em vão trabalha a lima”: vasos de diamante.

5.5-8

“Músicos instrumentos não faltavam”: lembrança da música de *Orfeu* nos Infernos para libertar *Eurídice*; “Quais, no profundo Reino ...”: iguais àqueles que permitiram que Orfeu tentasse libertar *Eurídice* do Inferno e fizesse deter os tormentos dos “nus espíritos”. Estes dois versos estão entre parêntesis porque o v. 8 liga-se ao v. 5; “Cũa voz dũa angélica *Sirena*”: liga-se a “Músicos instrumentos ...”. *Sirena* ou *Sereia* é, aqui, uma ninfa que canta agradavelmente. Ort.: *sutis* (por *subtis*); *espíritos* (por *espíritos*).

6.8

“... casas naturais”: onde dormem os animais bravios.

7.3-8

“Cujas claras Ideias viu Proteu”: Proteu, o profeta, teve a revelação num globo que *Júpiter* lhe deu em sonhos das “claras Ideias” que estavam para surgir no mundo. Estes vaticínios foram logo transmitidos pela ninfa, que recolheu a ilustre história dos feitos.

8.1-5

“Matéria é de *coturno*, e não de *soco*”: *coturnos*, borzeguins de que usam os que se vestem à trágica; *matéria de coturno* é assunto alto, levantado, grande. Contrapõe-se a *matéria de soco*, que é baixa (v. Morais). O verso é quase textualmente reproduzido de Petrarca (v. JMR, *FL*, p. 449); “Qual Iopas não soube, ou Demodoco, / Entre os Feaces um, outro em Cartago”: acerca dos cantares de *Iopas* em Cartago, no banquete dado por *Dido* a *Eneias*, v. V, *E*, I.740-746; sobre *Demódoco*, aedo da corte de *Alcino* (*Alkinoos*), rei dos *Feaces*, v. H, *O*, VIII.71-92, VIII.266-366, VIII.499-520 e XIII.27-28; “Aqui, minha Calíope, te invoco”: v. III.1.1.

9.3-6

“A Fortuna ...”: a minha má ventura; “Do qual já não me jacto nem me abono”: do qual já nem me glorio nem me prezo; “Os desgostos

OS LUSÍADAS

me vão levando ao rio / Do negro esquecimento e eterno sono”: me vão levando ao rio Letes e ao último sono (a morte).

10.3-8

“... ribeiras ...”: praias ou costas; “... que não dariam”: que não dessem; “Até render-se a ele ...”: ao jugo.

11.1-4

“Cantava dum que tem nos Malabares / Do sumo sacerdotício a dignidade”: o rei de Cochim; “... só por não quebrar cos singulares / Barões os nós que dera d’ amizade”: teve guerra com o rei de Calecute (v. Castanheda, I.XLIX, L, LI, LII e LIII).

12.1-7

“E canta como lá se embarcaria / Em Belém o remédio deste dano”: no ano de 1503 foram para a Índia seis naus, repartidas por duas capitánias. Das primeiras três foi capitão-mor Afonso de Albuquerque e foram seus capitães Duarte Pacheco Pereira e Fernão Martins de Almada; “... quando entraria”: em vez de “quando neles entrar”; “Quando mais n’ água os *trancos* que gemerem”: os *trancos* é o mesmo que o *tenbo*. O valor militar de Duarte Pacheco está aqui representado pelo mergulho do casco do navio que o transporta.

13.1-6

“Mas, já chegado aos fins Orientais”: às costas ocidentais da Índia; “E deixado ... / ... com poucos naturais”: com poucos portugueses; “Nos braços do salgado e curvo rio”: era um braço de mar que circundava Cochim; “Desbaratará os Naires infernais / No passo Cambalão ...”: “E todos confessados & comungados, se partio Duarte Pacheco pera ho passo de Cambalão em sesta feyra de ramos dezaseys Dabril de mil & quinhentos & quatro” (Castanheda, I.LXVII).

14.2

“Virão Reis [de] Bipur e de Tanor”: “E como amanheceo que foy domingo de ramos, abalou elrey [de Calecute] com corenta & sete mil homes de peleja antre Naires & mouros.” Castanheda (I.LXVIII) nomeia as gentes de Tanor, Bipur, serra de Narsinga e outras. “É certo q̃ era cousa de grande espãto ver tamanha multidã

OS LUSÍADAS

de imigos por agoa, & por terra, q̃ tudo cobriã & todos meynos nús,
& hūs baços, & outros negros.” (Id., *ibid.*)

15.8

“... surdos e *imotos*”: imóveis. *Imotos* é latinismo.

16.6-7

“Cometam o Pacheco ... / Por dous passos num tempo; ...”: passo do vau e passo de Palurte.

17.3-7

“Mas um tiro, que com zunido voa, / De sangue o tingirá no andor sublime”: “E nisto se avivou mais a peleja, porq̃ chegou el rey de Calicut, q̃ Duarte Pacheco conheceo por a bandeira, & sombreiro q̃ levava, & mandou tirar cõ hũ berço ao lugar õde parecia com tenção de ho matar, & não foy morto por se ele baquear do andor em q̃ ho levavão, & ho pelouro matou dous homens jũto dele ...” (Castanheda, I.LXXV); “Inventará traições e vãos venenos”: “partiose Duarte Pacheco pera as caravelas sem querer falar ao principe de Cochim por amor da treyção que lhe fizerã os seus naires ...” (Castanheda, I.LXXVI.) Cap. I.LXXXI de Castanheda: “De como hũ mouro inventou a el rey de Calicut hūs castelos de madeira, com que podessem aferrar as nossas caravelas.”

18.6

“Máquinas de madeiros fora de uso”: “E com quanto ele dissimulava que não tinha em conta os castelos del rey de Calicut, eles lhe davão assaz de trabalho no spirito que receava muyto de ho aferrarẽ ...” (Castanheda, I.LXXXII.)

19.3-5

“Mas a militar arte e engenho logo / Fará ser vã a braveza com que venha”: com tiros de camelo, Pacheco destruiu as “serras de fogo” (Castanheda, I.LXXXIII); “Nenhum *claro* barão no *Márvio jogo*”: *claro*, ilustre. No *Márvio jogo*, a guerra (v. IV.39.4).

20.4-5

“Tantos *Cães não imbeles profligados*”: *Cães*, os mouros e gentios. *Não imbeles*, não inaptos para a guerra. *Profligados*, abatidos. *Imbeles* e

OS LUSÍADAS

profligados são latinismos; “... fábulas sonhadas”: v. V.89.6 e VI.66.4.
Ort.: *decerão* (por *descerão*).

21.1-7

“Aquele que nos campos Maratónios”: refere-se ao general ateniense Milcíades e à sua grande vitória sobre Dario em 490 a. C.; “Ou quem com quatro mil Lacedemónios”: Leónidas, rei de Esparta, que tentou defender o desfiladeiro das Termópilas (na Tessália) contra o exército de Xerxes, tendo perecido ele com os seus 300 espartanos (em 480 a. C.); “Nem o mancebo *Cocles* dos *Ausónios*”: Horácio *Cocles*, que, segundo conta Tito Lívio, deteve sozinho o exército etrusco (*Tusco*) de Porsena na Ponte Sublícia, sobre o Tibre, em 507 a. C.: “pons sublicius iter paene hostibus dedit, ni unus vir fuisset, Horatius Cocles; id munimentum illo die fortuna urbis Romanae habuit” (I. Lívio, II.X). *Ausónios*, Romanos; “... ou Quinto Fábio”: Quinto Fábio Máximo *Cunctator*, romano ilustre, que foi ditador depois da derrota de Trasimeno e que, sem dar batalha a Aníbal, o cansou e destruiu.

22.5

“ – Ó Belisário (disse) que no coro”: Belisário (505-565), o maior general do imperador Justiniano. Venceu os Vândalos e os Ostrogodos e repeliu os Búlgaros. Em 563 foi acusado de conspirar contra o imperador Justiniano. Uma lenda afirma que nos últimos anos esteve privado da vista e na extrema penúria.
Ort.: *abaxando*, *baxa* (por *abaixando* e *baixa*); *agardecido* (por *agradecido*).

23.3-6

“Em ti e nele veremos *altos peitos*”: homens de grande merecimento; “Morrer nos hospitais, ...”: este verso e o imediato constituem aposto explicativo do verso precedente; “... servem de muro”: de anteparo.

24.3-4

“Dão os prémios, de Aiace merecidos, / À língua vã de Ulisses, ...”: *Ulisses* foi sempre para Camões o “facundo” (II.45, III.57 e V.86), mas aqui toma o partido de *Ajax* (certamente porque este foi um guerreiro), talvez inspirado por Ovídio quando este diz: “fortisqui viri tullit arma disertus” (*foi um orador que alcançou as armas de um guerreiro*) (XIII.383). Disputaram-se as armas de *Aquiles*.
Ort.: *Dã-os*, na edição *princeps* (por *Dão-os*).

OS LUSÍADAS

25.1-7

“Mas tu, de quem ficou tão mal pagado,”: tão mal premiado;
“Enquanto for o mundo rodeado / Dos Apolíneos raios, eu te fico”:
enquanto o Sol iluminar o mundo, eu te certifico; “... ilustre e claro”:
reforço da afirmação com palavras de sentido semelhante.

26.1-7

“Mas eis outro ... / Vem com nome real ...”: D. Francisco de Almeida. Foi com nome real porque foi como vizo-rei. O filho é D. Lourenço de Almeida. A armada largou de Lisboa em 25 de Março de 1505; “A Quíloa fértil, áspero castigo”: “De como não querendo el rey de Quíloa pagar as parias a que era obrigado, ho governador lhe tomou a cidade” (Castanheda, II.II); “Deitado fora o pérfido tirano”: “De como ho governador fez hũa fortaleza na cidade de Quíloa, & de como fez nela novo Rey” (Castanheda, II.III).

27.1-6

“Também farão Mombaça ..., / ... / Co ferro e fogo seu queimada e feia”: “De como ho governador mandou por fogo a cidade de Mombaça, & de como foy queimada grande parte dela” (Castanheda, II.V); “... andando cheia / De lenhos inimigos e artificios”: para vingar a morte do feitor de Couião e de quantos estavam com ele D. Francisco mandou seu filho Lourenço. Em Couião Lourenço de Almeida queimou vinte e sete naus de Calecute.

28.1-8

“Das grandes naus do Samorim potente”: “dom Lourenço ... foy abalroar a mayor das capitainas q trazia seiscentos homes de peleja, & tres vezes “deytou ho arpeo, & outras tâtas lho desaferrarão os immigos como homens que receavão de pelejar cõ os nossos. Mas da quarta vez foy aferrada, & os nossos saltarão logo dentro muytamente ... & de tal maneyra pelejarão que quãtos immigos estavam na nao forão todos mortos” (Castanheda, II.XXVI).

29.5-6

“Em *Chauil*, onde em sangue e resistência / O mar todo *com fogo e ferro ferve*”: “E nesta revolta foy dom Lourenço ferido dhũa bõbardada que lhe levou hũa coxa, & cayo: os seus ho levãtarão muyto tristes por ho assi verê: & ele os esforçou, & mandou que ho assentassem em hũa cadeira ao pé do masto, & dali esforçava os seus.

OS LUSÍADAS

E nisto lhe deu outra bombardada nos peytos que ho matou.”
(Castanheda, II.LXXX) *Com fogo e ferro ferve*: aliteteração. *Chauil*,
cidade na costa ocidental da Índia, não muito longe para sul, da
cidade de Bombaim.

30.7

“Outro Ceva verão, que, espedaçado”: centurião de César na guerra
com Pompeu.

32.7-8

“De *esperas, basiliscos e trabucos*”: *esperas*, canhões pequenos em que se
achava gravada uma *espera* (hoje *esfera*), que era a empresa de D.
Manuel. *Basiliscos*, peças grandes (v. X.69.1: “basiliscos medonhos”).
Trabucos, máquinas de arrojar grandes pedras; “... e Mamelucos”:
corpo de tropas, formado de escravos de países estrangeiros e
convertidos ao islamismo.

33.1-2

“Eis vem o pai, com ânimo estupendo”: “De como ho visorey
partio pera Diu em busca dos rumes: & de como chegou Á cidade
de Dabul” (Castanheda, II.XCV). “De como ho visorey pelejou cõ
ho capitão de Dabul & o desbaratou & q̃ymou a cidade”
(Castanheda, II.XCVI); “Trazendo fúria e mágoa *por antolhos*”: diante
da vista.
Ort.: *gíolhos* (por *joelhos*).

34.5-8

“... no seio de Cambaia”: no golfo de Cambaia; “... na opulenta /
Cidade de Dabul, a espada afia”: afia a espada nos corpos dos
inimigos; “Abaxando-lhe a tímida ousadia”: abatendo-lhe a
arrogância.
Ort.: *abaxando-lhe* (por *abaixando-lhe*).

35.1-7

“E logo, entrando fero na enseada / De Dio ...”: D. Francisco de
Almeida chegou à vista de Dio em 2 de Fevereiro (1509)
(Castanheda, II.XCVIII); “... que remos tem por *malbas*”: as *malbas*
da armada de Calecute são os remos, a sua defesa está na fuga; “Fará
ir ver ...”: D. Francisco de Almeida “fará ir ver ...”: “De como ho
Viso rey pelejou no porto de Diu com Mirocem capitão mor do

OS LUSÍADAS

Soldão, & com a armada del rey de Calicut, & cõ a de Meliquiaz: & os desbaratou a todos” (Castanheda, II.C).

36.1-8

“Mas a de Mir Hocém, que, abalroando”: Castanheda diz “Mirocem”; “Raios de fogo irão representando”: os “bravos domadores” do verso seguinte com o seu cego ardor irão “representando” ou semelhando raios de fogo; “... os bravos domadores”: os que domam, os que subjagam; “É fumo, ferro, flamas ...”: aliteração.

Ort.: *Mir* (por *Amir* ou *Emir*).

37.4-8

“Um sucesso, que triste e negro vejo”: D. Francisco de Almeida, de regresso a Portugal (saiu de Cananor no dia 1 de Dezembro de 1509), foi morto pelos Cafres na aguada do Saldanha (em 1 de Março de 1510): “E perto dagoada sahio dãtreles hũa lança darremesso sem ferro, & deu pela garganta ao viso rey, & passoulhe a guela, que não levava barbote, & ele ajoelhou logo com as mãos na lança: & sentindo que se afogava soltou as mãos da lança, & levantou as pera ho ceo, como que se encomendava a nosso senhor, & assi cahio morto” (Castanheda, II.CXXII). Foi enterrado no local em que morreu (Castanheda, II.CXXIII); “... e Egipto”: e os Turcos.
Ort.: *espírito* (por *espírito*); *despois* (por *depois*).

38.3-6

“E rudos paus tostados ...”: primitivas armas de arremesso, usadas pelos Cafres, crestadas ao fogo (v. AP, *Port.*, XI.49); “As gentes vãs que não nos entenderam”: que não entenderam os juízos de Deus.

39.1-8

“Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto /... / Lá no mar de Melinde, ...”: Tristão da Cunha foi por capitão-mor da armada que em 1506 foi para a Índia. Ia nela o futuro governador da Índia, Afonso de Albuquerque. O mau tempo levou-os à costa do Brasil. No regresso descobriu um grupo de ilhas, muito a oeste do cabo da Boa Esperança, que foram chamadas *Tristão da Cunha*, do nome do seu descobridor. São “as ilhas do Austro”, a que se refere o Poeta. Invernando em Moçambique, aproveitou o tempo para colher notícias da ilha de S. Lourenço, ou Madagáscar. Finalmente, de caminho para Socotorá, tomou, saqueou e incendiou Oja e Brava,

OS LUSÍADAS

“no mar de Melinde”, e fez tributária Lamo (Castanheda, II.30-31 e II-36-37, e Barros, II.I.2). De Socotorá (ilha do oceano Índico, perto do golfo de Adem) partiu para a Índia em 10 de Agosto de 1507. As disputas com Afonso de Albuquerque não foram tão graves que Tristão da Cunha não reconhecesse a personalidade e a valentia do futuro governador da Índia.

40.1-3

“Esta luz é do fogo e das luzentes / Armas com que Albuquerque irá amansando / De Ormuz os *Párseos*, ...”: sobre a tomada de Ormuz, ver Castanheda, II.LX-LXIII. *Párseos* (termo também empregado pelos cronistas) é o mesmo que *Persas*.

40.5-8

“Ali verão as setas estridentes / Reciprocarse, ...”: “... ao terceyro dia depois da batalha quis nosso señor manifestar ho milagre que fizera nella por parte dos nossos. E foy que começarão daparecer sobre a agoa do mar muytos corpos de mouros, pregados de muytas frechas, ho que foy dito ao capitão mor, q̃ espantado daquilo, mādou tomar algũs daq̃les corpos: & vio q̃ verdadeiramente erão de mouros, & as frechas taes como aquelas com que os mouros tiravão na batalha” (Castanheda, II.LXII).

41.1-8

“Ali do sal os montes não defendem / De corrupção os corpos ...”: “Ha nela hũa pequena serra que dhũa parte he hũa pedreyra de sal, & de outra he de veeyros dẽxofre” (Castanheda, II.LVIII); “De *Gerum*, de *Mazçate* e *Calaiate*”: *Gerum*, a ilha de Ormuz, à entrada do golfo Pérsico. *Mazçate* (Mascate), cidade da Arábia meridional, posição chave do golfo de Omã, sentinela do golfo Pérsico, centro comercial de todas as permutas do Oriente, incluindo o comércio das pérolas de Ormuz. *Calaiate*, cidade ao sul de Mascate; “... o reino inico”: Ormuz, reino injusto; “Das perlas de *Barém* ...”: *Barém*, grupo de ilhas dentro do golfo Pérsico, na costa de Hadjar, afamado pela pesca de pérolas.
Ort.: *abaxar* (por *abaixar*); *inico* (por *iniquo*); *perlas* (por *pérolas*).

42.1-5

“Que gloriosas palmas tecer vejo”: em 1 de Março de 1510 Afonso de Albuquerque tomou posse de Goa, mas teve de a abandonar

OS LUSÍADAS

quando apareceu o exército do antigo senhor, o Hidalcão. Em 25 de Novembro do mesmo ano, no dia de Santa Catarina, Goa era definitivamente conquistada e viria a ser a capital do império português no Oriente: “Com que *Vitória* ...”: *Vitória*, deusa romana; “... sem sombra vã de medo ou *pejo*”: ou embaraço; “Depois, obedecendo ao duro ensejo”: depois, forçado pela necessidade.

43.5-8

“... soldados ínclitos ...”: soldados notáveis; “Na luz ...”: no dia; “Será da Egípcia Santa Caterina”: natural de Alexandria, capital do Egípto. Pelas suas censuras ao imperador Maximiano e pela sua firmeza na fé, foi decapitada por volta de 307.

Ort.: *dina* (por *digna*).

44.1-7

“Nem tu menos fugir poderás deste”: é “a rica Áurea Quersoneso” de II.54, a península de Malaca, tomada por Afonso de Albuquerque em 1511, tendo sido duas vezes acometida: a primeira em 24 de Julho, “vespera de santiago” (Castanheda, III.LVI), e a segunda no dia 10 de Agosto, “dia do bem aventurado martir sam Lourenço” (Castanheda, III.LIX); “Os *crises* com que já te vejo armada”: arma malaia, do feitio de adaga “de dous palmos & meyo até tres de comprido, direitos de dous gumes” (Barros, II.VI.I); “Malaios namorados, *Jaus* valentes”: “porém entre elles se traz em provérbio, Malayos namorados. Iáos cavaleiros: & assi he na verdade” (Barros, II.VI.1). *Jau* (de Jaua), o mesmo que *javanês* (de Java).

45 a 49

O Poeta indigna-se contra o excesso de que usou Afonso de Albuquerque na punição do cavaleiro Rui Dias. Castanheda narra o motivo do castigo: “... soube ho governador que hum Ruy diaz natural Dalanquer filho dhum Ioão paçanha escrivão da hi entrava de noyte na sua camara do leme pola parte de fora, & dormia com hũa moça moura destas que digo [moças mours tomadas em Goa], pelo que ho governador ho mandou prender pera ho castigar crimemente. E mandando proceder contrele, ordinariamente julgou com seu ouvidor, que se chamava Pero dalpoem, que Ruy diaz fosse enforcado, & mandou ao seu meirinho que ho fosse enforcar aa nao de Bernaldim freyre.” (Castanheda, 1II.XXIX.)

OS LUSÍADAS

45.6

Em todo o poema Camões usou uma vez da forma *mercar*, ainda hoje viva na linguagem popular.

46.2-6

“... trovões ardentes”: tiros de canhão; “A sazão e o lugar, ...”: o tempo e o lugar; “De peitos inumanos e *insolentes*”: desmedidos. Na edição *princeps*, “a todo” (v. 4).

47.4-5

“... *lasciva e escura*”: *lasciva*, inconsiderada, *escura*, como moura que era; “... ou de modesto”: capaz de refrear as paixões (libidinosas).

Ort.: *noda* (por *nódoa*).

48.1-6

“Viu Alexandre Apeles namorado / Da sua Campaspe ...”: Apeles, pintando Campaspe (ou Pancaspe) nua, por ordem de Alexandre Magno, apaixonou-se por ela, apesar da afeição do rei pela mesma. Vendo isso, Alexandre deu-lha. Plínio contou a história (v. MC e ED); “Sentiu Ciro que andava já abrasado / Araspas, de Panteia ...”: Panteia, belíssima esposa de Abradatas, rei de Susa, foi aprisionada por Ciro, da Pérsia, quando este venceu os Assírios, de quem era aliado. Em virtude de Araspas, amigo de Ciro, ter assegurado a este que jamais seria sensível aos encantos de Panteia, o rei confiou-lha, mas, vendo que Araspas, contra o que prometera, ia faltar ao cumprimento do seu dever, não só lhe perdoou, como lhe confiou uma missão importante. MC cita de Xenofonte “a Pedia de Ciro” ou *Cyropaedia*. FS cita Coelius Rhodiginus (*Celio Rodigino*, segundo FS) (23.33).

49.3-7

“*Levemente* o perdoa, ...”: facilmente lhe perdoa. Hoje dir-se-ia “lhe perdoa”. O Poeta empregou *lbe* com o mesmo verbo em III.130.1: “Queria *perdoar-lbe* o Rei benino”; “Per força, de Judita foi marido / O férreo Balduíno; ...”: Balduíno I, *o Braço-de-Ferro*, raptou (*per força*) Judite, filha de Carlos, *o Calvo*, rei de França, imperador do Ocidente. Carlos acabou por se reconciliar com a filha e investiu o genro no condado da Flandres, então pobre e despovoada. Na edição *princeps*, *Balduuino* (por *Balduíno*).

Ort.: *Frandes* (por *Flandres*).

OS LUSÍADAS

50.2-7

“De Soares cantava, ...”: Lopo Soares de Albergaria, sucessor de Afonso de Albuquerque, partiu para a Índia aos 7 de Abril de 1515 (Castanheda, III.152); “Pelas roxas Arábicas ribeiras”: pelas praias do mar Roxo (Vermelho); “*Medina* abominável”: a terra que guarda o túmulo de Mafamede e lhe serviu de refúgio em 622, por isto “abominável”; “Quanto *Meca* e *Gidá*”: *Meca*, a primeira cidade santa dos Muçulmanos, onde nasceu Mafamede e onde está a Caaba. *Gidá*: v. IX.3.4; “Praias de *Abássia*; *Barborá* se teme”: *Abássia* ou Abissínia. *Barborá* ou Berberá, cidade da Somália, no golfo de Adem.

50.8

“Do mal do que o empório *Zeila* geme”: “*Zeila*”, diz Castanheda: “Esta cidade está na costa da Ethiopia a cinco legoas das portas do estreito de fora delas: está em onze graos da banda do norte.” (III.XIX.) Tendo invernado em Camarão, o governador procurou mantimentos em *Zeila*, mas os Mouros sonegaram-lhe tudo. Em represália, Albergaria queimou a cidade. O Poeta chama-lhe “empório”. Barros (III.I.V) diz: “Cá antigamente esta *Zeila* foi maes celebre emporio & escala daquellas portas do estreito, do que era *Adē*”.

Ort.: *abominável* (por *abominável*).

51.1-4

“A nobre ilha também de Taprobana”: v. I.1.4; “Pela cortiça cálida, cheirosa”: “A canela é a casca do *Cinnamomum zeylanicum*, Breyne, árvore da família das Lauráceas, indígena da ilha de Ceilão; uma qualidade mais ordinária é produzida por diversas espécies do mesmo género, que habitam na Índia, China e outras partes do Oriente” (CF, FL). O Poeta chama-lhe “cortiça”, pensando no latim *cortex*.

51.5-8

“Dela dará tributo à Lusitana / Bandeira, ...”: em 1518 Albergaria decidiu fazer uma fortaleza em Ceilão. Determinado o melhor local, o rei de Ceilão primeiro consentiu e, depois, por influência dos Mouros, recusou a autorização. Os Portugueses tiveram de combater e o governador tornou tributário o rei de Ceilão. Este tributo foi de “dez alifantes cadãno, & *quatrocētos bahares de canela*, & vinte aneis cõ senhas pedras finas das q se achavã na ilha, do que el

OS LUSÍADAS

rey foy contente” (Castanheda, III.XLIII); “Em Columbo, ...”: na capital da ilha.

52.1-3

“Também Sequeira, as ondas Eritreias / Dividindo, ...”: o mar Roxo. Diogo Lopes Sequeira, que sucedeu a Lopo Soares de Albergaria, partiu para Goa (de Cochim) em Janeiro de 1519 (Castanheda, V.II); “... abrirá novo caminho / Pera ti, grande Império, ...”: o império abexim.

52.3-4

“... que te arreias / De seres de Candace e Sabá ninho”: o Poeta segue a tradição de fazer da “rainha de Sabá” etíope ou abexim. Era na Antiguidade o nome genérico das rainhas da Etiópia, e não nome próprio. Uma fez uma incursão na Tebaida, ou Alto Egípto, e foi repelida por Petrônio, governador romano. Uma outra, Candace, é mencionada nos “Actos dos Apóstolos”, VIII.27, a propósito da conversão de um eunuco da Etiópia, valido da rainha. Deve equivaler ao nome “faraó” no Egípto. Plínio, em VI.XXXV.186, diz: “regnare feminam Candacen, quod nomen multis iam annis ad reginas transisset” (em Méroe).

52.5

“Maçua, com cisternas de água cheias”: “acordarão que deixassem a viagem de Iudá, & pois a deixavão fossem à costa da Abexia ao porto da ilha de Maçua ...” (Castanheda, V.XXIII); “E aos dez dias Dabril [de 1520] chegou ao porto da ilha de Maçua, que estará dous tiros de besta da terra firme em quinze graos da bnda norte.” (id., ibid.); “E isto feyto mādou ho dizer ao governador, que entre tanto foy ver a ilha de Maçua pera repartir polas naos muytas cisternas dagoa doce q̃ lhe dizião q̃ avia nela: & assi achou q̃ erão XLIX” (Castanheda, V.XXIII). V. Barros, III.III.X.

52.6

“... e o porto Arquico, ali vizinho”: “& foranse [os Mouros] pera hũ lugar da costa chamado Arquico que estava duas legoas da ilha [de Maçua]” (Castanheda, V.XXIII).

52.7

“E fará descobrir remotas ilhas”: refere-se certamente às viagens de

OS LUSÍADAS

Garcia Henriques e António de Brito às ilhas de Banda e a Ternate. A viagem de António de Brito (com seu irmão Jorge de Brito, que foi morto em combate) iniciou-se em 1521, ainda com o governador Diogo Lopes de Sequeira. António de Abreu, por mandado de Afonso de Albuquerque, visitara esta região em 1511 e 1512, mas foi António de Brito que em 1522 construiu uma fortaleza em Ternate, cuja primeira pedra foi lançada em 24 de Junho. (V. Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III*, I.XX, ed. Clássicos Sá da Costa.)

53.1-2

“Virá depois Meneses, ...”: D. Duarte de Meneses; “... cujo ferro / Mais na África, que cá, terá provado”: o Poeta deprecia a acção de D. Duarte de Meneses no governo da Índia. Com efeito, fala dela Fr. Luís de Sousa em *Anais de D. João III*: “Caso é digno de consideração que, sendo o governador D. Duarte grandemente bem afortunado no governo que teve de Tângere em África, se lhe trocasse a ventura na Ásia, de maneira que todos os três anos que lhe durou o cargo, quási não temos que escrever senão desbarates, mortes, desastres e sucessos avessos de mar e terra, entre aqueles que pendiam de seu governo; e sendo verdade que foi muito temido dos mouros de Berberia, vêo a ser tão pouco respeitado dos da India, que chegaram, em um tempo que se achou em Cochim, passarem à vista da cidade e dele com seus paraus e lançarem contra a terra foguetes voadores, que subiam ao céu em modo de escârneo e desprêzo nosso” (II.XI). Sequeira entregou o cargo a D. Duarte em 22 de Janeiro de 1522 (Anais, I.XVII).

53.3-8

“Castigará de Ormuz soberba o erro / Com lhe fazer tributo dar dobrado”: “& que pagaria a el rey de Portugal [Raix xarafo] mais corenta mil xerafins que fazião sessenta mil cõ os q pagava dâtes, de que pagaria logo ametade: & pagaria a valia de fazêda q se tomara a el rey de Portugal na feytoria ... E alê disso daria duzêtos mil xerafins, pera o q ho governador quisesse” (Castanheda, VI.LXXII); “Também tu, Gama, em pago do *desterro* / Em que estás ...”: D. Vasco da Gama sucedeu a D. Duarte de Meneses, já com os títulos de conde da Vidigueira, almirante do mar Índico e vizo-rei (Castanheda, VI.LXXI). Partiu de Lisboa aos 9 de Abril de 1524. *Desterro*, ausência da Pátria.

OS LUSÍADAS

54.1-6

“Mas aquela fatal necessidade”: D. Vasco da Gama faleceu no dia 24 de Dezembro de 1524 (Castanheda, VI.LXXVII). Barros diz 1525, mas é lapso. Foi sepultado na Sé de Cochim. “Outro Meneses logo ...”: D. Henrique de Meneses, a quem coube a primeira sucessão; “... cuja idade / É maior na prudência que nos anos”: D. Henrique de Meneses nasceu em 1496 e morreu em 1526. Castanheda diz no dia da Purificação de Nossa Senhora (2 de Fevereiro) (VI.CXXXIII), e Barros, no dia 23 de Fevereiro (III.XX). Foi sepultado na igreja de Cananor. Camões, passando por Cananor, fez-lhe o soneto *Esforço grande, igual ao pensamento (mibi, n.º 155, p. 194)*. Castanheda e Barros exaltam a sua figura moral. Camões fá-lo neste lugar e no soneto citado.

55.2

“Destruindo Panane com Coulete”: povoações do senhorio do rei de Calecute. Coulete era o principal porto do reino. Panane foi destruída em 26 de Fevereiro de 1525.

55.3-7

“Vence os inimigos d’ alma todos sete”: os sete pecados capitais; “... incontinência”: intemperança. ACPL, *Port.*, I.34, interpreta: “De modo que o Poeta achava heróicos e dignos da imortalidade (perpétua memória) os feitos praticados por Henrique de Meneses nas costas do Malabar, mas punha acima do risco que corre o guerreiro em frente das bombardas a vitória sobre os inimigos da alma, os sete pecados capitais.

A plúmbea pela vingança apenas daquele que se expõe, ao passo que os inimigos da alma nos perseguem por toda a parte – e se aproveitam dos descuidos *remissos* ou da mínima ausência do Anjo da Guarda para nos ferir.”

Ort.: *inigos* (por *inimigos*).

56.1-2

“... depois que as Estrelas o chamarem”: os Fados; “Sucederás, ó forte Mascarenhas”: a segunda sucessão recaiu realmente em Pêro Mascarenhas, capitão de Malaca. Por motivo da sua ausência, foi aberta a terceira sucessão, que recaiu em Lopo Vaz de Sampaio, capitão de Cochim. Este deixaria o governo da Índia quando regressasse Mascarenhas. Em Malaca Mascarenhas recebeu a notícia de que era governador e agiu como tal na guerra do Bintão, antes de

OS LUSÍADAS

regressar à Índia. Sampaio tomou conta do governo da Índia em 3 de Fevereiro de 1526 (Castanheda, VII.I).

57.1-8

“No reino de Bintão, que tantos danos / Terá a Malaca muito tempo feitos”: ilha ao sul de Malaca. Da tomada da cidade de Bintão diz Castanheda: “... ate as dez horas do dia que se acabou este feyto, q̃ foy hũ dos maravilhosos que os Portugueses fizerão naquelas partes ...” (VII.XXIV.) Concordância do participio com o complemento directo; “Vingarás, co valor de ilustres peitos”: com a corajosa colaboração de ilustres barões; “*Abrolhos férreos mil, passos estreitos*”: estrepes de ferro, envenenados nas pontas, com que o rei de Bintão rodeara a cidade para evitar o avanço dos Portugueses. *Passos estreitos*, estreitas passagens; “Tudo *fico* que rompas e sometas”: como em X.25.6: (eu te *fico*).

Ort.: *sometas* (por *submetas*).

58.1-2

“... cobiça e ambição, / Que claramente põem aberto o rosto”: vai descobertamente, sem vergonha (Morais). Na edição *princeps* a forma *poem* corresponde a *põe* e *põem*. ED e MR adoptaram *põe*, JMR e CB, *põem*. É evidente que neste verso a forma do plural é mais lógica.

58.5-6

“Quem faz injúria vil e sem razão, / Com forças e poder em que está posto”: o Poeta toma o partido de Mascarenhas contra Sampaio. Foi um período conturbado da nossa administração na Índia, em que vieram ao de cima as paixões e as ambições dos homens. Mascarenhas, no regresso, não pôde desembarcar na Índia, acabando por ser preso e, por decisão arbitral, mandado para Portugal em uma das quatro naus que partiam “êtregue preso a Antonio de Brito, & por amor dele se forão muytos fidalgos pera Portugal & assi outras pessoas” (Castanheda, VII.LII). Diz ainda Castanheda: “& Pero Mascarenhas foy bem recebido del rey: que não ouve por seu serviço o que lhe fora feyto. E depois de Lopo Vaz de Sam Payo ser em Portugal ouve sentença contrele que lhe pagasse todo ho ordenado que ouvera daver com a governança” (Castanheda, id., *ibid.*). Sampaio foi preso na Índia pelo futuro governador Nuno da Cunha, por ordem do rei.

OS LUSÍADAS

59.3-8

“Mostrando-se no mar um *fero raio*”: em Virgílio, E, VI.843: “fulmina belli”, que faz grandes destruições com a guerra; “Em Bacanor fará cruel ensaio / No Malabar ...”: “De como Lopo vaz de são Payo desbaratou hũa armada de mouros de Calicut no rio Bacanor” (Castanheda, VII.II). A armada era de Calecute, mas o lugar era do rei de Narsinga, amigo do rei de Portugal, e por isso Sampaio não permitiu o saque. Este feito teve lugar em 25 de Fevereiro de 1526. Foi um “ensaio” da guerra futura; “Depois a ser vencido dele venha / Cutiale, com quanta armada tenha”: “de q̃ era capitão mór Cutiale de Tanór valête cavaleyro q̃ tinham por sc̃to [santo] por chegar entã da casa de Meca”; v. cap. “como o governador desbaratou Cutiale de Cananor” (Castanheda, VII.XC).

60.1-3

“E não menos de Dio a fera frota, / Que Chaúl temerá ...”: “De como ho governador pelejou com a armada de Diu & a desbaratou” (Castanheda, VII.XCIII); “Fará, co a vista só, perdida e rota, / Por Heitor da Silveira e destroçada”: Heitor da Silveira foi encarregado pelo governador de destruir a armada de Dio (em Bombaim). Heitor da Silveira foi amigo de Camões. Entrou nas trovas chamadas *Convite* e numas trovas mandadas por Heitor da Silveira ao conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, vizo-rei, que teve a ajuda de Camões:

*Nos livros doutos se trata,
que o grande Aquiles insano
deu a morte a Heitor troiano;
mas agora a fome mata
o nosso Heitor lusitano.*

.....

60.7-8

“Será aos Guzarates tanto dano”: “Guzarate a que cômumente chamamos Cambaia” (Barros, LIV.VII). “Da guerra que Eytor da Silveira fez em Cambaya” (Castanheda, VII.XCVII); “Quanto já foi aos Gregos o *Troiano*”: o *Heitor* troiano. *Heitor*, filho mais velho de *Príamo*, marido de *Andrômaca* e pai de *Astianax*. Foi morto por *Aquiles*.

OS LUSÍADAS

61.1-8

“A Sampaio *feroz* sucederá / Cunha, que longo tempo teve o leme”:
feroz (l. *ferox*), intrépido. Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha (v. X.39.1-8), governou de 1529 a 1538. Partiu de Lisboa a 18 de Abril de 1528 e surgiu na barra de Goa aos 24 de Outubro de 1529; “De Chale as torres altas erguerá, / Enquanto Dio ilustre dele treme”: não tendo conseguido tomar Dio, o novo governador foi fazer uma fortaleza em Chale, a duas léguas de Calecute (Castanheda, VIII.XLIII); “O forte Baçaim se lhe dará”: “De como ho governador determinou de yr sobre a fortaleza de Baçã ...” (Castanheda, VIII.LIX.) “Melique tocão tinha feita em Baçaim hũa fortaleza muyto forte & que se criava ali outro Diu ... [1532]” (Castanheda, VIII.LII); “Não sem sangue, porém, que nele geme / Melique, porque à força só de espada / A tranqueira soberba vê tomada”: Melique, governador muçulmano de Baçaim. “De como Diogo da silveyra, Martim Afonso de Melo jusarte: & Manuel d’ Albuquerque desbaratarão a trãqueyra dos imigos” (Castanheda, VIII.LXI).

62.1-2

“Trás este vem Noronha ...”: D. Garcia de Noronha, vizo-rei de 1538 a 1540; “... *cuyo auspicio* / De Dio os *Rumes* feros afugenta”: ainda no tempo de Nuno da Cunha o rei de Cambaia tinha posto cerco a Dio, sendo governador da praça António da Silveira. D. Garcia de Noronha mandou a Silveira uma armada de socorro; mas quando esta lá chegou o cerco já estava levantado. *Rumes* era o nome dado pelos maometanos da Índia aos turcos europeus. Em X.68.2 o Poeta mostra conhecer a etimologia de *Rume*: “Que trazido de Roma o nome têm”. O império romano do Oriente tinha por capital Constantinopla. “Os Rumes são todos aquelles naturaes da província de Tracia, & d’ aquella parte de Cõstantinopla que se chamou Romania, d’ aquella privilégio que o Papa Sylvestre concedeo ao Emperador Constantino (segũdo Platina) que querendo gratificar aquella Emperador quando lhe largou a cidade de Roma, pera n’ ella assentar a cadeira de são Pedro, mudandose para Constantinopla, mandou que aquella cidade se chamasse d’ ali por diante Roma. Dali por diãte se ficou chamando toda aquella parte de Tracia, Romana, & seus naturaes Romanis: & os Turcos depois corrompendolhe o nome lhe chamarão Rumeli, & nos depois Rumes” (Couto, IV.VIII.IX, “De diferença que ha entre os Rumes, & Turcos: & por

OS LUSÍADAS

que se chamão Rumes”). *Cujo auspício*, sob cujos auspícios, sob cuja protecção.

62.3-8

“Dio, que o peito e bélico exercício / De António da Silveira...”: que a coragem e a arte da guerra. António da Silveira defendeu Dio das forças do rei de Cambaia, comandadas por Coge Sofar e ajudadas pela grande armada enviada pelo sultão da Turquia Solimão II; “Fará em Noronha a morte o usado ofício”: Garcia de Noronha (3.º vizeu-rei) morreu em 3 de Abril de 1540. Durara um ano e sete meses o seu governo. Foi sepultado na Sé de Goa (Couto, V.IV.IV); “Quando um teu ramo, ó Gama ...”: Estêvão da Gama; “Com medo o Roxo Mar fará amarelo”: no ano de 1541 Estêvão da Gama partiu para o estreito do mar Roxo com uma grande armada. O trocadilho é o mesmo de II.49.2.

63.1-7

“Das mãos do teu Estêvão vem tomar / As rédeas um, ...”: D. Martim Afonso de Sousa, que servira primeiro no Brasil; “O pirata Francês, ao mar usado”: no Brasil Martim Afonso de Sousa destruíra uma armada francesa que infestava aquela costa (1531). Em 1534 chegou à Índia e foi capitão-mor do Mar da Índia; “O muro de Damão, soberbo e armado, / Escala ...”: “De como Martim Afonso de Sousa tomou a vila de Damão” (Castanheda, VIII.LXXXII). “... hum lugar do reyno de Cambaya, situado na ponta da sua enseada da banda do sul por hũ rio acima õde el rey de Cãmbaya tinha hũa fortaleza forte & bem artilhada ...” (id., ibid.); “Escala e primeiro entra a porta aberta”: (id., ibid.).

64.1-7

“A este o Rei Cambaico soberbíssimo / Fortaleza dará na rica Dio”: derrotado “por el rey dos Mogores” (o grão-mogol), o rei de Cambaia colheu-se à protecção dos Portugueses e permitiu a estes a construção de uma fortaleza (Castanheda, VIII.CVIII e VIII.CXXIII); “Depois irá com peito esforçadíssimo / A tolher que não passe o Rei gentio / De Calecu, ...”: “... soube como el rey de Calicut caminhava cõ sua gente, cõ determinação de passar a Repeli pelo passo de Crãganor” (Castanheda, VIII.CXXVI e VIII.CXLI).

OS LUSÍADAS

65.1-8

“Destruirá a cidade Repelim”: Repelim, cidade próxima de Cochim, mas cujo rei era aliado do rei de Calecute (Castanheda, VIII.CXLIII); “... junto ao Cabo Comorim”: no Sul da Índia; “A frota principal do Samorim”: junto a Beadalá, perto de Ceilão, conseguiu Martim Afonso de Sousa destruir a frota principal do rei de Calecute (1537); “Em si verá Beadala o *Márcio jogô*”: o *márcio jogô*: v. IV.39.4 e X.19.5. Neste local foi destruída a armada do rei de Calecute por Martim Afonso de Sousa. Este ficou em Beadalá por ter perto Ceilão. (Castanheda, VIII.CLXXVI.)

66.2-6

“Virá depois com ceptro a governá-la”: todos os feitos bélicos realizados até aqui por Martim Afonso de Sousa foram-no na sua qualidade de capitão-mor do Mar da Índia. Regressou a Portugal e voltou à Índia para a governar (1542 a 1545); “Batalá, que vira já Beadala”: sendo já governador, Martim Afonso de Sousa fez provar a Batalá (na costa do Canará) os “ásperos castigos” por que passara Beadalá (Couto, V.9.2).

67.1-8

“Este será Martinho ...”: só agora a Sirene nomeia Martim Afonso de Sousa. “Martinho” e “Martim” são o mesmo nome, uma forma mais antiga do que a outra. Vêm de *Martinus*, cognome romano derivado de *Mars* (Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, 1928, pp. 42 e 450); “Suceder-lhe-á ali Castro, ...”: D. João de Castro, governador e vizo-rei da Índia (1545 a 1548); “Conforme sucessor ao sucedido”: acordes sucessor e sucedido; “Que um ergue Dio, outro o defende erguido”: Martim Afonso de Sousa ergueu Dio (no governo de Nuno da Cunha) e D. João de Castro defendeu-o.

68

“Persas feroces, *Abassís* e Rumes”: começa a narrativa do segundo cerco de Dio. *Abassís*: Abexins ou Abissínios. Sobre as gentes estrangeiras, v. Leonardo Nunes (1550): “Coje Çofaar, de nação italiano, sagaçíssimo e de muito conselho ... como tivesse o animo desejoso de mudanças, cobiçoso de tentar a fortuna por se fazer muito maior, tinha aquerido asy grandes companhas de gente estrangeira militar, .s. turcos ou Rumes, e arreneguados d’ estranhas nações, que por honrras d’ ellas o não diguo, pois dellas sairã tam mais [más?] sobre a face da terra, e muitos abexís e nobis, e

OS LUSÍADAS

fortaquis, e arabios” (*Crónica de Dom João de Castro*, p. 18). Coge Sofar entrou com o resto do seu exército, “que logo se passou à cidade”, em 9 de Maio de 1546 (Couto, VI.I.II). Leonardo Nunes diz: “dia de Ramos, que foy dezoito d’ abril de 1546, emtrou na cidade ... Trazia cõsiguo a Rumecão, seu filho, comdestabre moor d’ artelharia d’ el-Rey de Cambaya” (p. 39). Com o primeiro socorro o governador enviava seu filho Fernando, de 18 ou 19 anos, que foi morrer no Baluarte de São João, do rebentamento de uma mina, no dia 10 de Agosto (Couto, VI.II.IX). Quando isto aconteceu já ia com mais socorro o outro filho do governador, D. Álvaro de Castro, “sofrendo tempestades e ondas cruas”, como diria o Poeta. Por fim, o próprio governador, que foi surgir na barra de Dio aos 7 dias de Novembro de 1546 com oitenta e tantas caravelas, três galeões reais, e outros pequenos, e caravelas, e o mais fustalha, e com mil e quinhentos portugueses (Leonardo Nunes, *ob. cit.*, p. 116). Coge Sofar foi morto e sucedeu-lhe seu filho, o Rumecão. O ataque dos sitiados, sob a direcção do governador, às estâncias dos inimigos realizou-se aos 10 dias do mês de Novembro de 1546. O Rumecão procurou a salvação na fuga, despiu os trajos que trazia, enfiou no corpo uma cabaia e meteu-se num cavouco, entre alguns corpos mortos. Pois aí lhe foi dar um grande penedo na cabeça, que o matou. Segundo uma carta do próprio governador para o bispo de Goa, D. João de Albuquerque, morreram na batalha cinco mil mouros. Morreram vários capitães. Ficaram prisioneiros Iuzarcan, com muitas feridas, e perto de seiscentos homens de armas. Tomaram-se muitas bandeiras e armas (v. Couto, VI.IV.II). A cidade de Dio foi posta a sacco pelos soldados. A destruição na enseada de Cambaia foi enorme. A fortaleza, por estar muito arruinada, foi reconstruída com nova traça e mais poderosamente. D. João de Castro mandou pedir à Câmara de Goa e aos casados (carta de 23 de Novembro de 1546), para as despesas com a fortaleza, 20 000 pardaus, empenhando uns pêlos da sua barba. Em 1547 D. João de Castro voltou ao Norte. E os dois exércitos – o do rei do Malabar e o de D. João de Castro – viram-se nos campos de Baroche. Na perseguição ao exército inimigo, que ia sempre recuando, D. João de Castro acabou por se deter (v. Couto, VI.V.VII, Leonardo Nunes, cap. 31, e Jacinto Freire de Andrade, *Vida de Dom João de Castro*, liv. IV, p. 290, ed. 1861).

69.1-8

“*Basiliscos* medonhos e *liões*”: *basiliscos*: v. X.32.7. *Liões*, antigo canhão

OS LUSÍADAS

de artilharia. É interessante avaliar-se as espécies de que se serviam os artilheiros: “D’ artilharia de metal deixou oytenta e nove peças: basiliscos, aguias, salvajes, liões, espalhafatos, [quartãos,] camellos de marca, serpes, pasamuros, esperas, camelos, falcões, [cães,] meas esperas, berços e meos berços, e outras çinquo peças grosas de ferro ...” (Leonardo Nunes, pp. 147 e 148); “Trabucos feros, ...”: v. III.79.3; “Sustenta Mascarenhas ...”: D. João de Mascarenhas, capitão-mor de Dio; “Até que, nas maiores opressões”: nas maiores dificuldades; “... e a Deus se sacrificuem”: se sacrificuem pela fê de Cristo.

70.1-5

“Fernando, um deles, ramo da *alta pranta*”: *alta pranta*, ilustre tronco. “Estando asy neste trabalho, chegou [*sí*] novas de Dio, em que souberão que os mouros minaram o baluarte de Sam Joham e o arrebenarão, e mataram nelle Dom Fernando de Castro e muytos fidalguos e cavalleiros espeçiaes, que seriã mais de çincoenta, e outra muita gente da terra do serviço do mesmo baluarte, que seriam per todos cento e vinte pessoas” (Leonardo Nunes, *ob. cit.*, p. 90); “Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta”: a viagem marítima foi excepcionalmente tempestuosa (v. Couto, VI.II.VII, VI.III.I e VI.III.V).

Ort.: *pranta* (por *planta*); *despois* (por *depois*).

71.1-6

“Eis vem despois o pai, ...”: D. João de Castro chegou a Dio aos 6 de Novembro de 1546. A gente que o governador trazia foi metida, em três noites, na fortaleza por escadas de corda, no meio do silêncio da noite, ocultando-se ao Rumeção o intento por meio de músicas, instrumentos e tiros dos navios (J. Freire de Andrade, *ob. cit.*, p. 218); “Batalha dá felice e *soberana*”: decisiva; “Uns, *paredes* subindo, escusam porta”: “E levava muytas escadas pera sobirem nas paredes. Foram cometidas cõ impetu muy esforçado e tam de presa, que ã curarã d’ escadas, hũs pella ponte e outros pello mar, por chegar de presa. E pellas paredes arriba começã de sobir no meo de todallas forças dos inimiguos” (Leonardo Nunes, *ob. cit.*, p. 122). As *paredes* são as “estâncias”; “Outros a abrem na fera esquadra insana”: outros abrem porta através dos corpos dos inimigos desvairados.

Ort.: *felice* (por *feliz*); *dinos* (por *dignos*).

OS LUSÍADAS

72.1

“Este, depois, em campo se apresenta”: depois de ter descercado a fortaleza e de deixar tudo bem provido, voltou a Goa em fins de Abril, sendo recebido com grandes solenidades. Teve mesmo um “triunfo” à romana. Tendo, porém, notícias do que era ainda governador de Dio, D. João de Mascarenhas, de que o sultão de Cambaia juntava todas as forças de seus reinos para pôr segundo sítio à fortaleza, D. João de Castro preparou-se para voltar ao Norte, mas não o quis fazer sem deixar Goa tranquila, reduzindo o Hidalcão, que queria ser senhor das terras firmes de Goa. “E o Idalcam neste tempo [1547] mandou decer gente do Guaate e polla em Pondaa, que he hũa sua villa em que tem hũa fortaleza tres leguoas pella terra dẽtro, opurtuno luguar pera d’ aly correr a Bardes e Salsete. He hũa fortaleza muy forte pello luguar em que estaa sytuaada ... A villa esta asentada num campo Raso, e fermoso, e grãde antre grandes outeyros arredados d’ ella, cercada de hũ fermoso Ryo, e de muyto deleitosas e frescas ortas e fermosos arvoredos” (Leonardo Nunes, p. 161). D. João de Castro tomou a vila, lutou com forças do Hidalcão e destruiu a fortaleza. Partiu de novo para o Norte com cento e vinte navios de remo e quatro galeões reais, com dois mil soldados portugueses e quinhentos naires dos melhores que lhe enviou el-rei da Pimenta. Os exércitos viram-se nos campos de Baroche, que é “hũa fortissima e grande cidade, e estaa muy longe per hũ rio dentro, murada de muy altos muros, e cercada de grãdes cavas” (LN, p. 176). A guarnição tinha ido para junto do rei do Malabar e D. Jorge de Meneses atacou a população, que se defendeu quanto pôde, não tendo D. Jorge poupado nem homens, nem mulheres, nem crianças. A cidade foi metida a saco e cinquenta peças aproveitadas. O rei do Malabar quis conter o exército de D. João de Castro antes de ele chegar a Baroche num dos lugares do campo, que foi entrado pelo governador. Perante os recuos do rei do Malabar, D. João houve por bem deter-se (como já disse atrás) e reembarcar o exército à vista do inimigo “co suas bandeiras despreguadas pello meo do campo em vaguarosa ordenança” (LN, p. 186), tendo antes queimado o lugar.
Ort.: *depois* (por *depois*).

72.3-4

“... e a vista lhe amedrenta / Da fera multidão quadrupedante”: tem sido muito discutido este passo, mas sem razão. Na *Eneida*, tanto em VIII.596 como em XI.614, os “quadrupedantes designam, sem

OS LUSÍADAS

sombra de dúvida, os cavalos. Mas não se trata aqui de cavaleiros arcádios nem das lutas entre Latinos e Etruscos. A batalha é nos campos de Baroche, em Cambaia, e, na verdade, entraram nela elefantes. Antes de Baroche: “Por estes brados cõmovido o contumaz manço [o jovem rei de Cambaia], andava cõ seu exército favorecendo os lugares e çidades da fralda do mar; e trazia muyto grande poder, que seria de trinta mil homes de cavallo ... e muitos alifantes com torres e castelos de madeira e artelharia meuda em Riba” (Leonardo Nunes, p. 181). Em Baroche: “Aly saio a força da gente que os Recolheo, e sairam todos de cavallo, e os alifantes armados ...” (LN, p. 183.) “Juntamente cõ ysto heram aquellas batalhas muy medonhas, porque Reluziam as armas cõ o sol que nellas dava muy grandemente, tendo os alifãtes armados diante, todos cheos de guiões de seda, e em alla co elles a sua artelharia de campo” (LN, P. 184), E temos ainda um documento mais expressivo, de tom irónico, escrito por D. João de Castro ao rei de Cambaia: “trabalhey tanto pera chegar a ellas [batalhas] pera que melhor as podese consirar, e esperemẽtar os animos das bestas feras, que diante traziam, se deziã com as forças e grandes corpos que mostravam” (LN, p. 188). Leonardo Nunes foi testemunha de vista.

72.5-6

“Não menos suas terras mal sustenta / O Hidalção, do *braço triunfante*”: o Hidalção sustenta com dificuldade as suas terras do *braço triunfante* (D. João de Castro).

72.7

“Que castigando vai Dabul na costa”: regressado das terras de Cambaia, D. João de Castro volta à luta com Hidalção, que não desistia das terras de Bardês e Salsete. Dabul, na costa, foi escalada, tendo os Mouros acabado de desamparar a cidade de todo. “Ouve grande sacco e Rica presa de muyto dinheiro e muytas mercadorias Ricas, e escravos e escravas, e peças d’ ouro, de maneyra que algũs soldados ficaram Ricos e muy cõtentes. E não o foram todos, porque a mor parte sam honrados, que nam desemparã em tal tempo a bandeyra Real nem a pesoa do guovernador” (LN, p. 206). A costa do Malabar com esta guerra tornou-se um braseiro: “Toda a costa ardia em grandissimas labaredas” (LN, p. 208).

OS LUSÍADAS

73.1-2

“... por várias partes”: méritos; “... e maravilha”: v. IX.89.7.

Ort.: *dino* (por *dignos*).

74.2-6

“Com *sonoroso* aplauso, ...”: *sonoroso* como em I.5.1, I.47.8, II.100.1, IX.54.8, X.74.2 e X.128.7; “Por mais que da Fortuna andem as *rodas*”: frase proverbial já conhecida de escritores romanos: “*fortunae rotam pertimescere*” (Cíc., *Pis.*, 22). *Rodas* no plural por causa da rima; “(Nũa *cónsona* voz todas soavam)”: *cónsona*, latinismo muito camoniano, empregado só neste lugar: consonante, que soa ao mesmo tempo.

75.3

“Viram os altos feitos que *descobre*”: o sujeito é a *Sirena*, que descobriu na harmonia e suavidade do seu canto “os altos feitos”.

Ort.: *despois* (por *depois*); *felice* (por *feliz*).

76.5-8

“Segue-me ...”: forma arcaica, em vez de “segue-me”; “Por este monte espesso, ...”: escreveu a propósito LPS, *AL*, p. 53: “Neste monte espesso, de mato árduo, difícil a humano trato, por onde é preciso seguir firme e forte com prudência, está bem simbolizado todo esse longo trabalho de pacientes observações e laboriosos cálculos, todo esse dispêndio de engenho de tantos homens de superior capacidade em procura das leis que regem os movimentos dos astros. E a teoria a que se chegou, de um subido valor, ..., é o erguido cume, esmaltado de rubis e esmeraldas, chão divino, donde é permitido, através do modelo criado, abranger a complicada variedade dos fenómenos astronómicos ...”

77.3-6

“... tais que presume / A vista que divino chão pisava”: os que foram ao cimo do monte, os nautas, é que julgaram pisar divino chão; “... que o lume / Claríssimo por ele penetrava”: a luz claríssima. O “globo” era translúcido.

78.1-5

“Qual a matéria seja não se enxerga”: não se enxerga a matéria que o compõe porque a quinta essência não pode ser apreendida pelos

OS LUSÍADAS

sentidos. Mas enxerga-se que está composta de vários orbes concêntricos à Terra; “... Divina verga”: a vara divina, o poder de Deus; “... e um centro a todos só tem posto”: neste globo transparente podem distinguir-se os contornos aparentes das onze esferas, desde a da Lua até à de Saturno, o firmamento, o céu áqueo ou cristalino, o primeiro móbil e, finalmente, o empíreo; “Volvendo, ora se abaxe, agora se erga”: no primeiro verso está resumida a definição de Euclides. A palavra *volvendo* indica que a esfera é uma superfície de revolução; não se refere a movimento da esfera porque a superfície externa do globo pertence ao undécimo céu, ao empíreo imóvel. A palavra *volvendo*, isto é, curvando-se em torno do eixo do Mundo em círculos paralelos, ora se ergue, ora se abaixa, em relação a um plano horizontal.

78.6-8

“Nunca s’ ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto / Por toda a parte tem; ...”: nestes versos está resumida a definição de Teodósio. A esfera não se ergue nem se abaixa relativamente ao seu centro. E Tétis pode bem mostrar no globo a propriedade da equidistância, porque, sendo ele transparente, o seu centro, onde se vê a Terra, está evidente, como a sua superfície, claramente; “... e em toda a parte / Começa e acaba, enfim, *por divina arte*”: partindo de um ponto qualquer e seguindo um círculo da esfera, volta-se ao mesmo ponto. Na esfera, como no círculo, não há princípio nem fim determinados; e em qualquer ponto o princípio se une com o fim. *Por divina arte*, quer dizer, à semelhança de Deus, por divino modo.

79.1-6

“Uniforme, perfeito, em si sustido”: a esfera é uma superfície de curvatura constante. É esta constância da curvatura que o Poeta exprime quando diz que o globo “um mesmo rosto por toda a parte tem” e quando lhe chama “uniforme”; “Qual, enfim, o Arquétipo que o criou”: “chama-se aqui mundo arquétipo àquela forma do mundo que Deus concebeu na sua mente para fazer este mundo: a qual cogitação de Deus é eterna, como ele próprio.” (Em LPS, *AL*, p. 46, tradução de Vineto); “... – ‘O transunto, reduzido / Em pequeno volume, aqui te dou’: o modelo do Universo, tal como o concebia a ciência do tempo.

80.1-2

“Vês aqui a grande máquina do Mundo, / Etérea e elemental, ...”:

OS LUSÍADAS

“A universal machina do Mundo se divide em duas partes. Celestial: & elemental. A parte elemental he sojeita a cõtina alteraçõ: & dividese ã quatro. s. terra a qual está como centro do mundo no meo assentada: segue-se logo a Agoa & por derredor delta ho ar. & logo ho fogo puro que chega ao ceo da lua: segũdo diz Aristoteles no livro dos metheoros: porque assi os assentou deos grorioso & alto. E estes quatro sam chamados elemẽtos: os quaes hũs dos outros se alteram & corrompem & tornã a gerar. Sam os elementos corpos simprezes que se nam podem partir em partes de diversas formas: pella mistura dos quaes se fazem diversas species das cousas que se geram. E cada hum dos tres cerca de todo a terra per derredor se não quanto a secura da terra resiste ha humidade da agoa pera vivenda de algũs animaes. E todollos outros afora a terra se movem: a qual como centro do mundo com seu peso: foge igualmente de todallas partes o grande movimento dos estremos: & fica no meo da redonda Sphera. Junto da regiam dos elementos: esta logo a regiam celestial lucida: & pello seu ser imudavel he livre de toda mudançã: tẽ contino movimento circular: & chamaranlhe os philosophos Quinta essencia.” (V. LPS, *AL*, pp. 56-57, trad. de Sacrobosco por Pedro Nunes.)

80.2-8

“... que fabricada / Assi foi do Saber, alto e profundo”: da “Sapiência suprema”, como em X.76.1-2; “Que é sem princípio e meta limitada”: que não tem princípio nem fim; “... sua superfície tão limada”: tão polida.

81.1-8

“Este orbe que, primeiro, vai cercando”: a enumeração das onze esferas que constituem a região etérea começa nesta estância da periferia para o centro, pelo empíreo (ou *Coelum empyreum*); “... e a mente vil também”: a mente de baixo preço; “De quem não há no mundo semelhança”: do qual (tem por sujeito “Bem”).

82.1-2

“Aqui, só verdadeiros, gloriosos / Divos estão, ...”: os *divi* foi título dado, após a sua morte, aos imperadores divinizados e, em primeiro lugar, a Júlio César: “Hic Caesar et omnis Iuli / progenies magnum caeli ventura sub axem. / Hic vir, hic est, tibi quem promitti saepius audis, / Augustus Caesar, divi genus, ...” (V, E, VI.789792). O sistema filosófico de Evémero, mitógrafo grego cuja obra principal

OS LUSÍADAS

está hoje perdida, considerava que as figuras mitológicas eram seres humanos divinizados pelos povos, que os temiam ou admiravam. Esta teoria foi utilizada pelos padres da Igreja. No Renascimento os santos foram chamados “divos”.

82.2-8

“... porque eu, ...”: *Tétis*; “... o trato humano”: a sociedade humana; “... é só que o nome nosso / Nestas *estrelas* pôs o engenho vosso”: *estrelas* em sentido geral, incluindo, portanto, os planetas.

83.1-8

“E também porque a santa Providência”: estância subordinada à est. 84: “Quer logo aqui a pintura que varia ...”; “Que em *Júpiter* aqui se representa”: *Júpiter*, apesar de “fabuloso”, é o deus supremo, o *pater deorum*; “Governa o Mundo todo que sustenta”: por intermédio de espíritos mil, bons e maus. *Ensina-lo* (v. 5), por *ensina-no-lo*; “... em quanto podem ...”: nos limites do seu poder.

84.1-5

“Quer logo aqui a pintura que varia”: quer, portanto, a poesia, que ora deleita, ora ensina; “Dar-lhe nomes ...”: o Poeta imita, fabulando, a antiga poesia, que se serviu dos falsos deuses ora para deleitar, ora para ensinar; “Que os Anjos da celesta companhia”: que o “sacro verso” (a Sagrada Escritura) também chama deuses aos anjos da celeste companhia e mesmo aos maus, embora falsamente. Não admira, portanto, que Camões poéticamente chame aos divos fabulosos, mesmo maus, “deuses”.

85.1-8

“Emfim que o sumo Deus, que por segundas / Causas obra no Mundo, tudo manda”: afirmação de ortodoxia plena: quem manda é o “Sumo Deus” e tudo o mais é poesia “deleitosa”; “Debaxo deste círculo onde as *mundas* / *Almas* divinas gozam, que não anda”: o empíreo não anda. *Círculo* é o mesmo que *esfera*. *Almas mundas*, almas puras; “Outro corre, tão leve e tão ligeiro / Que não se enxerga: é o Móbile primeiro”: Pedro Nunes traduz Sacrobosco: “Mas o primeiro movimento [“o Móbile primeiro”] *move e leva* com seu ympeto todallas outras Spheras & em hũ dia cõ sua noite fazẽ per derredor da terra hũa revolução.”

Ort.: *debaxo* (por *debaixo*).

OS LUSÍADAS

86.1-4

“Com este raptó e *grande* movimento”: com o adjectivo *grande* indica-se a rapidez do movimento diurno; de todos os movimentos celestes o de maior velocidade. O movimento de velocidade é tal que num dia dá uma volta completa (360°). Nesse movimento ele arrebatá, isto é, leva consigo todos os céus interiores, que têm por isso um movimento *albeio* proveniente do primeiro móbil. Os planetas são arrastados, bem como os seus céus, nesse movimento arrebatado (nesse *raptó*, como então se dizia). Assim, a esfera solar move-se, como as superiores, com o movimento de *raptó* de oriente para ocidente, voltando a oriente e produzindo assim o dia e a noite. *A tento*, como precaução.

86.5-8

“Debaxo deste leve, anda outro lento”: nestes versos segue-se a descrição da nona esfera ou segundo móbil ou cristalino (*Coelum aqueum*). Além do movimento *albeio* proveniente do primeiro móbil, é dotado de um movimento próprio tão lento que alguns o avaliaram em pouco mais de um grau em duzentos anos. Camões diz, por isso,

*Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.*

um grau em duzentos cursos do Sol.

Supunha-se que o *cristalino* era formado de águas claras e transparentes como cristal. Águas diferentes das da Terra, puríssimas e incorruptíveis, postas debaixo do primeiro móbil para atenuar o calor produzido pelo seu arrebatado movimento. O *cristalino* é a esfera propulsora do *movimento dos auges* e *estrelas fixas* que faz avançar lentamente de ocidente para oriente a esfera das estrelas fixas e os céus diferentes dos auges dos planetas. Executa uma revolução completa em quarenta e nove mil anos, avançando, portanto, em duzentos anos 1° e 28', aproximadamente, que o Poeta arredonda em 1°.

87.1-2

“Olha estoutro debaxo, que esmaltado / De corpos lisos anda ...”: nesta estância descreve-se a oitava esfera – o *firmamento* –, com o seu

OS LUSÍADAS

movimento próprio. No século XVI era doutrina corrente que o Sol era a única fonte de luz celeste, a qual as estrelas reflectiam como os planetas. Eram consideradas corpos fixos e lisos embutidos nesse céu. Eram como nós do firmamento, partes mais espessas do seu céu. O Poeta diz que o *firmamento* é esmaltado de corpos lisos e radiantes, que representam as estrelas fixas. As estrelas têm os dois movimentos alheios, provenientes do primeiro e do segundo móbil, mas também têm o curso ordenado do firmamento, que é o movimento regular de *trepidação*, sete vezes mais rápido que o movimento do cristalino, completando-se em sete mil anos. Por isso correm cintilantes em seus *axes*, que são os eixos próprios da oitava esfera. Com o plural *axes* designa o Poeta os extremos do eixo, isto é, os pólos do movimento de trepidação.

Ort.: *debaxo* (por *debaixo*).

87.5-6

“Bem vêes como se veste e faz ornado / Co largo Cinto d’ouro, ...”: É a descrição do zodíaco. “O largo cinto de ouro, com que o firmamento se veste e faz ornado, é o zodíaco, que o cinge com a profusa pregaria de ouro das constelações zodiacais.”

87.6-7

“... que estelantes / Animais doze traz afigurados”: esses doze animais “afigurados” são as doze constelações do zodíaco. Estas estrelas fixas no *firmamento* como que desenham figuras nesse céu. São essas figuras ou grupos de estrelas que a elas pertencem que se chamam constelações ou signos (antigamente *sinos*); e das figuras desenhadas – variáveis com os povos – lhes veio o nome, variável também. No seu movimento *próprio* – em sentido contrário do *alheio*, devido ao primeiro móbil, e que produz o dia e a noite –, o Sol percorre anualmente as doze constelações zodiacais, o que leva a considerar o zodíaco em doze partes iguais, cada uma ocupada por uma dessas constelações ou signos. Essas doze partes do zodíaco chamam-se também signos e para distinguir da constelação dá-se a esta o nome de imagem. O movimento do *cristalino* produz a deslocação dos signos relativamente às imagens, equivalendo assim ao que hoje chamamos “movimento de precessão dos equinócios”.

87.8

“Apousentos de Febo limitados”: os aposentos de Febo limitados são os doze signos, da extensão de 30° cada um, em que se divide o

OS LUSÍADAS

zodíaco, e a que se deram os mesmos nomes das constelações, os quais o Sol vai sucessivamente percorrendo no seu movimento anual ao longo da eclíptica, demorando-se em cada um deles um espaço de tempo de cerca de um mês. Os signos do zodíaco também se apelidam de “casas do Sol”.

Ort.: *apousentos* (por *aposentos*).

88.1

“Olha por outras partes a pintura”: por outras partes do *firmamento*, mas fora do zodíaco. Esta estância termina a descrição do *firmamento*, com a enumeração das constelações extrazodiacais e com a pintura dessas constelações. As constelações extrazodiacais nomeadas pelo Poeta são: *Carreta* (Ursa Maior); *Cinosura* (Ursa Menor); *Andrómeda* (constelação do hemisfério boreal) (foi conhecida entre os Latinos por *Virgo* e *Perseia* e é ainda conhecida por *mulher encadeada*); *Cefe* (pai de *Andrómeda*); *Cassiopeia* (mãe de *Andrómeda*); *Dragão*; *Orion* (ou *Oriente*); *Cisne*; *Lebre*; *Cães*; *Nau* (*Argos*) e *Lira*. Cada uma destas constelações tem a sua lenda; “do Oriente o gesto *turbulento*”: tempestuoso. O sair e o declinar de Orión coincidiam com violentas tempestades (v. H, O, III.27.17). v. VI.85.1-6.

89.1

“Debaxo deste grande Firmamento”: ocupa-se o Poeta das sete esferas planetárias pela sua ordem: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio e Lua. Como se viu, o Sol, “o claro olho do céu”, está entre os planetas e ocupa o quarto assento. A Lua é *Diana*, “com três rostos”, correspondentes às *três* fases da Lua. Na lua nova não há rosto, porque a Lua se esconde. O “Deus antigo” é o pai de *Júpiter – Saturno*.

Ort.: *debaxo* (por *debaixo*).

90.1-2

“Em todos estes orbes, diferente / Curso verás, nuns grave e noutros leve”: nestes versos o Poeta considera os céus excêntricos. “Sendo o céu do planeta uma camada esférica concêntrica com a Terra, temos de imaginar nesta camada esférica uma outra, não concêntrica com Terra; é esta camada que leva o planeta, e por isso essa camada, ou orbe, tem o nome de *deferente*. E porque o seu centro não é o do centro do Mundo (pelo que também se lhe dá o nome de *excêntrico*), resulta que o planeta, levado por este orbe de curso *leve* (isto é, de grande velocidade, como, v. g., no caso da Lua)

OS LUSÍADAS

ou *grave* (isto é, de pequena velocidade, como no caso de Saturno), nem sempre está à mesma distância da Terra, nem, por consequência, à mesma distância do *firmamento*. O ponto do deferente que mais próximo fica do 8.º céu (*firmamento*) tem o nome de ‘auge’, e esse ponto, visto da Terra, projecta-se num dos signos do zodíaco, signo a que cabe também a designação de *auge* do planeta em questão. Assim, por exemplo, *Câncer* é o ‘auge’ de Vénus, o que significa que, visto da Terra, o ponto do deferente de Vénus que mais próximo fica do céu das estrelas fixas se projecta em *Câncer*, nesse céu. Mas o deferente leva o planeta só indirectamente (excepção feita para o caso do Sol). O que ele leva é uma esfera de diâmetro igual à sua espessura e animada de movimento de rotação; o planeta está fixo nesta esfera, que tem o nome de *epiciclo*” (AFGV, EA, pp. 37-39). “Estes orbes são os excêntricos deferentes dos planetas, mais afastados do centro da Terra no auge, ou apogeu, e mais perto dele no perigeu. Têm curso mais grave o deferente de Saturno em 30 anos e o de Júpiter em 12; o de Marte faz seu curso em 2 anos e os do Sol, Vénus e Mercúrio em 1 ano; o curso mais leve é o da Lua, em 27 dias e 8 horas” (LPS, *AL*, p. 66).

90.5

“Bem como quis o Padre omnipotente”: tendo mostrado no “transunto” a região celeste, o Poeta vai falar da região “elemental” muito brevemente para depois se ocupar longamente de dois deles, a *terra* e a *água*. Por fora e logo abaixo do céu da Lua está o *fogo* puro; por baixo deste, o *ar*, dividido em três regiões – suprema, média e ínfima; e no centro, os dois elementos, *terra* e *água*, formando o globo terráqueo. O Poeta já descrevera a região elemental, esculpida nas portas do palácio de Neptuno, em VI.10, VI.11 e VI.12.

91.1-8

“Neste centro, pousada dos humanos”: “neste centro [da Terra com o mar] ... verás” (no quinto verso); “... os insanos / Mares ...”: os mares enfurecidos; “Várias nações *que mandam* vários Reis”: que são mandadas; “... e várias leis”: leis religiosas.

Ort.: *instábil* (por *instável*); *apousentam* (por *aposentam*).

92.1-8

“... mais alta e clara”: mais insigne e ilustre; “Que as outras em polícia ...”: cultura e urbanidade; “Co Cabo ...”: cabo da Boa

OS LUSÍADAS

Esperança; “... que se habita / Dessa gente sem Lei, ...”: que é habitada de gente que desconhece a lei de Cristo.

93.1-8

“Vê do Benomotapa o grande império”: Benomotapa ou Menomotapa. “Toda a terra q̃ cõtamos por Reyno de Sofala, he hũa grande região que senhorea hum Príncipe Gentio chamado Benomotapa” (Barros, I.X.I); “Onde Gonçalo morte e vitupério / Padecerá, ...”: o venerável padre D. Gonçalo da Silveira era o 10.º filho de D. Luís da Silveira, conde da Sortelha, e de sua esposa, D. Brites de Noronha. Foi provincial da Companhia de Jesus na Índia, sucedendo a S. Francisco Xavier. Foi depois missionar para o Monomotapa e aí foi assassinado, como feiticeiro, à ordem do rei do Monomotapa, em 15 de Março de 1561; “Nace por este incógnito Hemispério / O metal ...”: “As minas desta terra, onde se tira o ouro, as maes chegadas a Sofala são aquellas a que elles chamam Manica ...” (Barros, id., ibid.); “Vê que do lago donde se derrama / O Nilo, também vindo está Cuama”: o Cuama é o Zambeze, nascido no lago Vitória.

Ort.: *nace* (por *nasce*).

94.1-7

“Olha as casas dos negros, como estão / Sem portas ...”: só aqueles a quem o rei dava essa honra é que tinham portas nos portais das suas casas; “Por que toda a outra gente não tem portas ...” (Barros, I.X.I); “... em seus ninhos”: o sentido é este: “como estão em seus ninhos, sem portas, confiados”; “Combaterá em Sofala a fortaleza”: sobre o ataque à fortaleza e defesa por Pero da Nhaya castelhano (assim escreve também Barros) (v. Barros, I.X.III).

95.1-2

“Olha lá as alagoas donde o Nilo / Nace, ...”: o Nilo tira as suas águas principalmente do Vitória Nyanza, mas de início recebe-as de todo o sistema hidrográfico que rodeia e alimenta outros lagos da região. As nascentes do Nilo Azul foram exploradas no século XVII por Pêro Pais e Jerónimo Lobo.

Ort.: *nace* (por *nasce*).

95.3-4

“Vê-lo rega, ..., / Os povos Abassis, de Cristo amigos”: é o Nilo Azul, que rega os povos abassis. Estes eram jacobitas. Em 1541 teve

OS LUSÍADAS

a Inquisição oportunidade de intervir, proibindo a circulação do livro de Damião de Góis *Fides, Religio, Moresque Aethiopum*, pois o autor deste opúsculo, baseado nas informações do embaixador etíope Zaga Zaabo, defendia práticas que vinham do judaísmo. Para o conhecimento do verdadeiro estado religioso da Abissínia devem ler-se, entre outras obras, Francisco Álvares, *Verdadeira Informação das Terras do Prestes João*, e a colecção *Rerum Aethiopicarum scriptores occidentales inediti a saec. XVI ad XIX*. Desta colecção faz parte a *Hist. da Etiópia*, de Pedro Pais (1564-1622), espanhol, mas que escreveu em português. Nesta obra aparece a mais antiga descrição das fontes do Nilo (Nilo Azul), que ele visitou em 1618. Escritores da Etiópia dessa mesma colecção são Manuel Barradas e Manuel de Almeida. Historiador importante da Etiópia é Baltasar Teles, que nos deixou a *Hist. Geral da Etiópia a Alta ou Preste João*, Coimbra, 1660. Ver também Barros, III.IV.II.

95.7

“Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama / Que ora dos naturais Nobá se chama”: “E lançando hũa linha com o entendimento, da cidade Çuaquem marítima que dissemos [no mar Vermelho] ao fim da ilha Meroe, que ao presente se chama Nobá ...” (Barros, III.IV.I). É esta talvez a fonte do Poeta. Era uma das principais cidades da Etiópia. Ruínas perto da aldeia de Begeraouièh. Entre o Nilo e o Atbara o *Grande Atlas Aguilar* indica uma região intitulada *Geziret el Méroe*. Plínio, VI.XXXV.181 e seguintes, fala muito de Méroe. Estrabão, *Geografia*, 17.2, seguindo Erastótenes, fala de cidade de Méroe acima da confluência do Asataboras (Atbara) e do Nilo.

96.1-6

“Nesta remota terra um filho teu”: D. Cristóvão da Gama, tendo sido desbaratado pelo “rei de Zeilá” com poderoso auxílio turco, acabou por ser aprisionado e degolado, depois de cruelmente martirizado (1542). Historiou a expedição Mguel de Castanhoso, que nela participou como capitão de espingardeiros (1564). Couto aproveitou as notícias do “copioso tratado” (v. Couto, V.VIII.VII); “... será claro”: será ilustre; “Melinde hospício gasalhososo e caro”: acolhedor e desejado.

96.7-8

“O Rapto rio nota, que o romance / Da terra chama Obi; entra em Quilmance”: diz Barros: “nas serras do qual [Reino Adeá] nasce o

OS LUSÍADAS

rio Obij, a ã Ptolemeu chama Raptus, ã vae sair ao Oceano na povoação Quilmance junto de Melinde” (III.IV.I). Ver ainda I.VIII.IV. Melinde, apesar de decaída da sua importância, ainda está no mapa sob a forma *Malindi*. Melinde pertence ao Quénia, e não à Somália. A norte de Melinde vai desaguar efectivamente um rio que tem o nome de *Galana*. *O romance da terra*, a linguagem da terra.

97.1-2

“O Cabo vê já Arómata chamado, / E agora Guardafú, ...”: na península da Somália, à entrada do golfo de Adem, em frente da ilha de Socotorá. Cf. a canção de Camões *Junto de um seco, fero e estéril monte*:

*nele aparece o Cabo com que a costa
africana, que vem do Austro correndo,
limite faz, Arómata chamado.*

Ort.: *Guardafú* (em vez de *Guardafui*). Barros: *Guardafu* (I.VIII.IV).

97.3-8

“... a boca do afamado / Mar Roxo, que do fundo toma as cores”: o Poeta parece seguir uma das opiniões expostas por Plínio, VI.XXVIII.107-108: “... aut, ut alii, solas repercussu talem reddi existimantes colorem, *alii, ab harena terraque*, alii tali aquae ipsius natura.”; “... e as melhores / Povoações ... / *Maçúá* são, *Arquico* e *Suaquém*”: dentro do mar Roxo. *Maçúá* e *Arquico* (próxima de *Maçúá*), na costa da Etiópia (v. X.52.5 e X.52.6). *Suaquém* está na costa do Sudão.

98.1

“Vês o *extremo* Suez, que antigamente / Dizem que foi dos Héroas a cidade”: *extremo*, por estar no fim do mar Roxo, no braço de mar que liga com Porto Saida. “... dos Héroas a cidade”: o erro foi de Barros, fonte de Camões, que diz: “& per hũa linha que se pode com o intendimento lançar deste Nilo pela cidade do Cairo metropoli de todo este Egipto ao porto de Suez ã está no ultimo seo do mar roxo, onde antiguamente foi a cidade dos Heroas” (I.IX.1). Couto repete: “Estrabono diz, que esta cidade [Suez] tambem fora ja chamada Cleopatrida, & que junto della era a cidade dos Heroas”; “Neste lugar aparecem ainda grandes roinas, de hũa muito fermosa cidade,

OS LUSÍADAS

que ja ali esteve em tempo de pagãos: & muitos affirmão que foi a dos Heroas” (Couto, V.VII.IX). Mas Plínio o que escreveu foi: “in quo Heroon oppidum est” (VI.XXXIII.165); nome de cidade, e não de um povo, que, segundo ED, “ficava muito mais ao noroeste da moderna Suez, perto de Ismailia”.

98.3-6

“(Outros dizem que Arsínoe), ...”: “*cae omnes viae Arsinoen ducunt conditam sororis nomine in sinu Carandra a Ptolomaeo Philadelpho*” (Plínio, NH, VI.XXXIII.167). O editor H. Rackham anota: “*Ardscherûd near Suez*” (v. IX.2.4); “Olha as águas nas quais abriu patente / Estrada o grão Mousés ...”: v. IV.63.2. *Patente estrada*: estrada franca. É latinismo.

Ort.: *Mousés* (por *Moisés*).

99.1-2

“Olha o monte Sinai, que se ennobrece / Co sepulcro de Santa Caterina”: v. X.43.8. No *Missel quotidien et vesperal*, de D. Gaspar Lefèbre, beneditino, lê-se, a respeito de Santa Catarina, virgem e mártir (25 de Novembro): “Le mont Sinai où le corps de S^{te} Catherine fut transportée par les Anges est aussi le lieu où, par ministère des Anges, Dieu donna sa loi à Moïse.” Quando o governador D. Estêvão da Gama foi tomar Tor (Toro) com intenção de destruir a cidade, vieram dois frades do monte Sinai (a um dia de marcha) “pedir misericórdia aos Portugueses, pera que não dessem fogo à cidade, por que tinham nella um templo”. O governador, que tudo esperava menos encontrar cristãos, ficou muito satisfeito e foi em boa ordem com a tripulação orar ao templo, que era do orago de Santa Catarina. Foram dadas relíquias da Santa, mas as mais estavam em cima no Mosteiro de Santa Catarina, e era uma jornada de caminho. Os frades do Mosteiro do Monte Sinai eram da Ordem de S. Basílio, da Igreja Grega (Couto, V.VII.VIII).

99.3-8

“Olha *Toro* e *Gidá*, que lhe falece / Água das fontes, ...”: *Toro*, na costa ocidental da península do Sinai. *Gidá*, v. IX.3.1; “Olha as portas do Estreito ...”: era o estreito de Meca, hoje Babelmândebe; “... que fenece / No reino da seca Adem ...”: pequena cidade da Arábia Meridional, a leste do estreito de Babelmândebe, no golfo de Adem, que se tornou porto de grande escala com a presença dos

OS LUSÍADAS

Portugueses, em virtude das dificuldades criadas às naus do estreito de Meca. Sobre o qualificativo *seca*, leia-se em Castanheda, III.104; “... que confina / Com a serra d’ Arzira, pedra viva”: a serra de Arzira sobre Adem “he toda de hũa pedra viva sem arvore nem herua verde” (Barros, II.VII.VIII).

100.1-8

“Olha as Arábias três, ...”: v. IV.63.8; “... todas de gente *vaga* ...”: nómada; “Outro Estreito de Pérsia, ...”: o estreito de Ormuz; “... e faz a traça / O Cabo ... / Da cidade Fartaque, ...”: desenha-se o vulto do cabo (*Ras*) Fartaque, na costa sul da Arábia (a meia distância entre Adem e Ormuz); “... ali sabida”: ali conhecida. “Cabeça do reino” (Barros, I.IX.I).
Ort.: *feroces* (por *ferozes*).

101.1-6

“Olha Dófar, ...”: “... & fica neste meio [entre a cidade e cabo Fartaque e Curia Muria] a cidade Dofar ... donde ha o melhor & maes encenso de toda esta Arabia [Feliz]” (Barros, I.IX.I); “O mais cheiroso *incenso* ...”: *encenso*, na edição *princeps* (só neste verso empregou tal palavra); “... destoutra banda / De Roçalgate, ...”: para o lado de lá de Roçalgate (*Ra’s-al-Hadd*), que assinala a oeste a entrada no golfo de Omã, ainda na costa da Arábia Meridional; “... e praias sempre avaras”: pouco favoráveis ao domínio português; “Começa o reino Ormuz, ...”: ilha no estreito do mesmo nome (Hormoz), entre o golfo Pérsico e o golfo de Omã, mais próximo da costa persa; “Pelas ribeiras *que inda serão claras*”: que todo se estende pelas costas do reino de Ormuz. *Que inda serão claras*, que ainda se ilustrarão.

101.8

“Virem de Castelbranco nua a espada”: Pedro de Castelo Branco foi para a Índia em Novembro de 1533, como capitão-mor de uma armada, com quatro anos de capitania de Ormuz, onde estava António da Silveira (Couto, IV.VIII.VII). As notícias de Couto não correspondem ao que geralmente se diz de Sampaio: “Pellas naos que vierão em Novembro [de 1537] de Ormuz a Diu, teve o Governador Nuno da Cunha muitos capitulos de grandes culpas & queixas, contra dom Pedro de Castello Branco, que erão de qualidade, que lhe pareceo necessário, pera quietação da terra ... mandalo tirar da fortaleza: por que naturalmête era um fidalgo muito

OS LUSÍADAS

forte de condição, & tão vingativo, que não perdoava cousa algũa. E assi estava a terra tão escandalizada delle, que foi necessário ao Governador acodir áquelle negocio, & determinou de mandar lá o Doutor Pero Fernandez Ouvidor geral pera o suspender do cargo de capitão da fortaleza, & mandalo prezo à Índia” (Couro, V.II.VI). Porém, no ano de 1538, o sucessor de Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, mandou rever o seu processo pelo ouvidor geral e pelo provedor-mor e foi por eles sentenciado que D. Pedro “fosse acabar de servir o tempo que lhe faltava de sua fortaleza” (Couto, V.V.VII). Terminado o seu tempo em 1541, D. Pedro partiu para o Reino no ano seguinte e teve a infelicidade de ser abordado por corsários franceses “na volta das ilhas dos Açores”, que lhe roubaram toda a sua fazenda – o que o fez ir reclamá-la ao rei de França (Francisco I) com cartas do rei de Portugal.

102.1-8

“Olha o Cabo Asaboro, que chamado / Agora é *Moçandão* ...”: do genitivo latino *Asaborum* (o promontório dos Asabos, de Ptolemeu) fez Barros (III.VI.IV) o nominativo *Asaboro*, que passou para *Os Lusíadas* (v. JMR, EN, p. CCXXIII). *Moçandão*, cidade costeira do golfo de Ormuz, do lado do golfo de Omã; “Por aqui entra o lago que é fechado / De Arábia e Pérsias terras abundantes”: por aqui entra o golfo Pérsico (o “lago”), fechado pelas terras abundantes da Arábia e Pérsias; “Atenta a ilha Barém, ...”: v. X.41.8; “Ter o Tígris e Eufrates ãa entrada”: os dois rios juntos formam o Chate Alárabe, que entra no golfo Pérsico, abaixo de Baçorá.

103.2-8

“Sempre posto no campo e nos cavalos”: os Persas viviam fora das povoações e foram sempre apaixonados cavaleiros; “Que se injuria de usar fundido cobre / E de não ter das armas sempre os calos”: que sente desprezo pelo uso de peças de artilharia e por não estar sempre em armas (por não ter as mãos calejadas); “Mas vê a ilha Gerum, ...”: a cidade Armuza era no continente “a promunturio Carmanis junguntur Harmozaei” (Plínio, VI.XXVIII.111). Da Carmânia trasladou-se à ilha, que perdeu o seu nome antigo e ficou a nova Armuza, donde veio Ormuz (v. Barros, II.2.2 e III.6.4).

104.1-8

“Aqui de Dom Filipe de Meneses / Se mostrará a virtude, ...”; “De Dom Pedro de Sousa, que provara / Já seu braço em Ampaza, ...”:

OS LUSÍADAS

ambos capitães de Ormuz, mas o segundo antes do primeiro. D. Pedro de Sousa foi capitão de Ormuz de 1562 a 1564 ou 1565, segundo Couto (v. Couto, VII.X.VII e VIII.I.XV). Nesta última *Década* citada diz Couto: “Na entrada deste anno de sessenta & seis, foi Luiz de Mello entrar na Capitania de Ormuz, por virem novas ser falecido Dom Pedro de Souza, o qual foi enterrado entre as portas das fortalezas ...” Diz ED que D. Filipe de Meneses recebeu carta de capitão de Ormuz datada de 18 de Fevereiro de 1566, segundo informação de Pedro de Azevedo; mas quem em 1566 foi para a Capitania de Ormuz, segundo Couto, foi Luís de Melo. Não tenho elementos para saber se Melo foi capitão interino; “os muitos Parseos vencerá de Lara”: *Lara (Lâr)*, capital do distrito do Laristão, província do Farsistão. Lâr não é cidade costeira do golfo Pérsico, mas um pouco interior. Naturalmente o que o Poeta quer dizer é que D. Filipe de Meneses venceu os pársios do Laristão, que chega à costa do golfo Pérsico. *Reveses* são golpes de espada, mas dados transversalmente, da direita para a esquerda. *Ampazça*, na ilha de Pate, na costa de Melinde.

105.1-4

“Mas deixemos o *Estreito* e o conhecido / *Cabo de Jasque, ...*”: *Estreito*, o estreito de Ormuz. O *cabo de Jasque (Jask)* fica na costa persa, fora do estreito, no golfo de Omã. Ptolemeu chamou-lhe “Carpella promontorio” (Barros, III.6.4): “Leixado o cabo de Iásque, que he a maes notavel cousa que aquella costa tem, ainda que está fora da garganta daquelle estreito, o qual nós situamos em vinte quatro graos largos da parte do Norte, & Ptolemeu em vintedous & meyo, chamandolhe Carpell promontorio ...” (Barros, III.VI.IV); “Com todo o seu terreno mal querido”: árido; “Carmânia teve já por apelido”: hoje Kerman.

106.1

“Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima”: grande confusão se estabeleceu a propósito desta “Ulcinde” camoniana. Basta ler o que diz Couto em VII.III.XIII e VII.III.XIV para se ver que se trata do “reino do Cinde”. E o “Cinde” não é senão o outro nome do “Indo” (Sindh): “& forão pello rio abaixo queimando, & destruindo todos os lugares que avia de hũa & outra parte *daquelle famoso rio indo*”. O governador destruiu nessa altura (1556) a cidade de Tatá (que ainda hoje se vê no mapa à beira do Indo, acima do delta). “Da outra banda do Ponente [habitam] aquelles povos Diulis, chamados

OS LUSÍADAS

assi da sua principal cidade chamada Diul”. Parece que “Dulcinda” nasceu da junção indevida de “Diul” com “Cinde” (Couto, VII.III.XIV). Camões escreve “de Ulcinde”.

106.2-5

“E de Jáquete a *íntima enseada*”: “& foi de longo da costa [Francisco Barreto] ate a ponta de Iaquete, onde se acabaõ os limites do antigo reino Guzarate” (Couto, VII.III.XIII). Identificado com Katchh Ki Rann. *Íntima enseada*, muito reentrante; “E a vazante, que foge apressurada”: elevação brusca das águas do mar e vazante rapidíssima”; “A terra de Cambaia vê, riquíssima”: “E do Dio situado em vinte graos & meio te a cidade Cambaya que está em vinte de dous graos, averá cinquenta & tres legoas” (Barros, III.VIII.1). Depois do Katchh Ki Rann vem o Katchh Ki Khadi e a seguir o Khambhayat Ki Khadi. No fundo deste golfo (seio) está Cambaia.

107.3

“Já chamado Cori, ...”: ED diz que o texto de Ptolemeu diz “Komaria”, Bacon diz que Ptolemeu lhe chama “Cori” (VII.I.II). No extremo sul da costa ocidental indiana, em frente de Ceilão.

108.1-5

“... entre um e o outro rio”: Indo e Ganges; “Um reino Mahometa, outro Gentio”: v. Barros, LIV.VII e III.IV.IV; “Olha que de Narsinga o senhorio”: o reino de Narsinga ou de Bisnaga (v. Barros, III.IV.IV). Era reino gentio. Possuía grande parte da costa do Coromandel.

109.1-6

“Aqui a cidade foi que se chamava / Meliapor, ...”: Hoje pequena povoação nos arredores de Madrasta, na costa do Coromandel. Pertencia ao reino de Narsinga ou Bisnaga; a Fé, que no mundo se pubrica”: a fé católica.

Ort.: *inica* (por *iniqua*); *se pubrica* (*se publica*).

110.1

“Chegado aqui ...”: a fonte dos milagres de S. Tomé aqui narrados vem em Barros (III.VII.XI) e abrange as est. 110 a 116. *Vagando*,

OS LUSÍADAS

boiando sobre as vagas.

Ort.: *alifantes* (por *elefantes*).

111.2-8

“Que, só pera abalar-se, ...”: só para ser movido; “... por derradeiro”: por último; “... aos futuros por exemplo”: como exemplo.

112.1-6

“Sabia bem que se com fé formada”: “Pois em verdade vos digo, que se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e passará, e nada vos será impossível” (“S. Mateus”, XVII.19); “Os Brâmenes ...”: v. VII.40.1.

113.3-5

“... buscam desvios”: buscam impedimentos; “O principal, que ao peito traz os fios”: é insígnia dos Brâmenes trazer a tiracolo um cordão de três fios.

114.3-4

“... como se usa”: como é costume; Na edição *princeps* emprega *a morte*. Mas em vários lugares *aa morte*. É interessante este exemplo: “Qual Canace que â morte se condena” (VII.79). É claro que o *â* vale *à* ou *á*.

115.4

“Por testemunho, o seu, mais aprovado”: mais digno de fé.

Ort.: *resucite* (por *ressucite*).

116.2

“Que o Rei se banha logo na água santa”: que o rei recebe imediatamente o baptismo.

118.7

“Pedimos-te que ... peças”: o estilo sofre um pouco com a repetição.

119.1-6

“E vós outros que o nome usurpais / De mandados de Deus, ...”: *usurpare* tem antes de mais em latim o sentido de *fazer uso de, servir-se de*. Por isso, como lembra ED, talvez a palavra não esteja em mau sentido; “Se sois mandados ...”: enviados; “... se sois Sal e vos

OS LUSÍADAS

danais”: “Vos estis sal terrae” (“S. Mateus”, V.13); “Na pátria, onde profeta ninguém é”: “... Propheta in sua patria honorem non habet” (“S. João”, IV.44). Dizem os comentadores que estas palavras se dirigem aos “Apóstolos”, aos Jesuítas.

120.2-8

“E tornemos à costa debuxada”: esboçada no globo; “Já com esta cidade tão famosa”: Meliapor; “Se faz curva a Gangética enseada”: muito mais pronunciada a curva nas bocas do Ganges; “Corre Orixá, de roupas abastada”: um distrito de Bengala a oeste das bocas do Ganges e do Bramaputra (Ford). “& o reyno Orixá, que tem o marítimo do Oriente: o qual fica entre este Reyno Bisnagá, & o de Bengalla, & pelas costas vizinha cõ o Reyno Decan” (Barros, III.II.V); “... o ilustre rio / Ganges vem ao salgado senhorio”: entra no golfo de Bengala.

121.5-8

“Vê Catigão, cidade das milhores / De Bengala ...”: olhando-se para o delta formado pelos dois rios – Ganges e Bramaputra –, vê-se a leste a província de Catigão (Chittagong); “... Mas olha ques está posta / Pera o Austro, daqui virada, a costa”: a costa, que aqui muda de direcção (do braço oriental da foz do Ganges) para sul.

122.1

“Olha o reino Arracão; olha o assento / De Pegu, ...”: “he do Reyno Arracã, que vizinha com o de Bêgalla que lhe fica ao Norte & e de Pêgu q̃jaz ao Sul” (Barros, III.II.V). Com esta indicação a Ninfa transporta-nos para a Birmânia. O “reino Arracão” fica ao norte do Pegu, tendo a ocidente por linha litoral o golfo de Bengala. Para a explicação dos versos do Poeta, ver Barros: “Este povo de Pêgú tem lingua propria: differente dos Siames, Brammás, Arracam, com que vizinha, por cada hum ter lingua per si. Porém quanto à maneira de sua religião, templos, sacerdotes, grandeza de ídolos, & cermonias de seus sacrificidos, uso de comer toda immundicia, & torpeza de trazer cascavéis soldados no instrumento da gêração; convem muito cõ os Siames. E ainda dizem elles que os Siames procedem da sua linhagem, & será assi: porq̃ esta torpeza dos cascavéis em todas aquellas partes não se acha em outro povo. Donde se pode crer ser verdade o que elles cõtão, que aquella terra se povoou do ajuntamento de hũ cão & hũa molher ...” (Barros, III.III.IV.) Feio,

OS LUSÍADAS

hediondo. *Soante arame*, cascavéis. O *error nefando*, o vício monstruoso.

123.1-3

“Olha Tavai cidade, onde começa / De Sião largo o império tão comprido”: cidade na costa da Birmânia (mar de Andamão), em linha recta com Bangucoque; “*Tenassari, Quedá*, que é só cabeça”: *Tenassari*, na Baixa Birmânia, ao sul de Tavai, diante do arquipélago Merguí. *Quedá*, povoação muito afamada pela sua pimenta, ficava depois de Tenassari e antes de Malaca, pois o Poeta diz: “Mais avante fareis que se conheça / Malaca ...”.

124.1-8

“Dizem que desta terra [Malaca] ... / ... / ... o mar, entrando, dividiu / A nobre ilha de Samatra, ...”: foi conhecida dos Antigos por *Aurea Quersoneso*; “Alguns que fosse Ofir imaginaram”: Ofir tem tradições bíblicas. A essa longínqua e desconhecida região teria Salomão mandado buscar ouro. O Poeta admite que essa antiga terra pudesse ter sido Malaca.

125.1-8

“... Cingapura”: ilha na ponta meridional de Malaca. Separa-a da terra firme o estreito de Lahore; “... onde o caminho às naus se estreita”: por causa do estreito de Singapura; “Daqui tomando a costa à Cinosura”: daqui voltando a costa ao norte; “Se encurva ...”: forma o golfo de Sião; “Vês *Pam, Patane*, reinos, e a longura / De Sião ...”: *Pam* (Pahang) e *Patane* (Patani), na península de Malaca. *Pam*, mais abaixo, um e outro do lado da China Meridional; “Olha o rio Menão, ...”: o rio Menão tem a sua origem no Norte do Sião e entra no golfo do mesmo nome: “O anno passado indo elle com Fernão Perez d’ Andrade caminho da China arribou à costa do Reyno de Siam, & entrou per o rio Menam, que o atravessa. Nas correntes do qual está situada a cidade Hudiá.” (Barros, III.II.IV); “Do grande lago que Chiamai se chama”: indicado pelos geógrafos antigos, ninguém sabe da sua existência. Sobre o reino Chiamai v. Barros III.II.V.

126.1-8

“Vês neste grão terreno ...”: no reino de Sião; “Os Laos, ...”: “ficando entre elles os povos Laos, que cercão todo este Reyno de Sião, assi per cima do Norte, como do Oriente ao longo do rio

OS LUSÍADAS

Mecon” (Barros, III.II.V). “E pela parte do Ponente ... confina com as serranias que cortão de Norte Sul, onde jazem os Reynos Avá, & Bremá, & Iangomá” (id., ibid.); “... Gueos ...”: “ali se atravessão hũas serranias tão ásperas, como os Alpes em que habitam os povos chamados Gueos, que pelejão a cavallo: com os quaes continuadamente elRey de Sião tem guerra, & vizinhão com elle somente pela parte do Norte. Ficando entre elles os povos Laos (id., ibid.) Os “Laos” tatuam-se e comem carne humana.
Ort.: *selvages* (por *selvagens*).

127.1-8

“Vês, passa por Camboja *Mecom* rio”: Camboja, reino da Indochina, a nordeste da Cochinchina. *Mecom* é um dos maiores rios do Mundo. Desce do Tibete, atravessa uma parte da China e faz o seu caminho até ao mar da China Meridional; “Tantas recebe d’ outro só no Estio”: caso de fonética sintáctica, segundo JMR. *Outro* está por *outros*, devendo ler-se: *doutro-ssó*; “... como indiscreta”: com fraco discernimento; “Que pena e glória têm, despois de morte, / Os brutos animais de toda sorte”: Camões tem provavelmente no seu espírito a crença budística na transmigração das almas.

128.1-8

“Este receberá, plácido e brando”: refere-se o Poeta ao seu naufrágio no mar da China, que deve ter-se verificado nos fins de 1558 ou princípios de 1559 (v. Jordão de Freitas, *O Naufrágio de Camões e dos Lusíadas*, Lisboa, 1915); “... quando / Será o injusto mando *executado*”: este “injusto mando” continua ignorado. Leonel de Sousa, capitão do navio, trouxe-o preso. *Executado*, rima imperfeita.

129.1-8

“Vês, corre a costa que Champá se chama”: “A designação de Champá applicava-se no tempo de Camões a uma região assaz vasta, que abrangia uma boa parte da costa oriental do golfo de Sião” (CF, *FL*, p. 72); “Cuja mata é do pau cheiroso ornada”: o linaloés; “Vês Cauchichina está, de escura fama”: de fama obscura: “... com o qual confina o Reyno a ã os nossos chamão Cauchij, China & os naturaes Cachó. O qual acerca de nós he o menos sabido Reyno daquelas partes, por a sua costa ser de muitas tormentas & grandes baixos & a gente sem navegação” (Barros, I.IX.I). É regada pelo *Mecom* e outros rios; “E de Ainão vê a incógnita enseada”: uma grande ilha,

OS LUSÍADAS

entre o golfo de Tonquim e o mar da China Meridional. Em frente, na costa, a actual República Democrática do Vietname; “Da China corre, e ocupa o senhorio / Desde o Trópico ardente ao Cinto frio”: refere-se o Poeta ao trópico de Câncer e ao círculo polar ártico.

130.1

“Olha o *muro e edificio nunca crido*”: o *muro*, a Muralha da China; e *edificio*, e construção; *nunca crido*, inacreditável.
Ort.: *nacido* (por *nascido*).

131.5-7

“Esta meia escondida ... / ... / É Japão ...”: também se designam as ilhas do arquipélago japonês por *ilhas da prata*. Foi evangelizada pelos jesuítas, o primeiro dos quais foi S. Francisco Xavier. Também por lá andou o nosso Fernão Mendes Pinto.
Ort.: *nace* (por *nascê*); *ilustrada*, latinismo que significa *iluminada*.

132.3-7

“Vê *Tidore e Ternate*, co fervente / Cume, ...”: duas ilhas no arquipélago das Molucas, noutro tempo objecto de lutas com os Portugueses. Ternate, de formação vulcânica, tem um vulcão. Muito procurada pelas especiarias; “As árvores verá do cravo ardente, / Co sangue Português ...”: esta especiaria, diz CF, ocupava no nosso comércio talvez o segundo lugar. Mais tarde, depois da viagem de Fernão de Magalhães, os Espanhóis tiveram pretensões ao domínio daquelas ilhas. O cravo é o botão do *Caryophyllus aromaticus*, L., árvore indígena apenas das cinco pequenas ilhas Molucas (v. CF, FL, p. 73); “Aqui há as áureas aves, ...”: as “aves-do-paráiso”, que se supunha não terem pés, e por isso voavam sempre até à morte.

133.1

“Olha de Banda as Ilhas, ...”: “... assi neste nome Bãda se conthem outras cinco ilhas jũtas. Verdade he que a principal dellas se chama Banda ...” (Barros, III.V.VI.) “Nestas cinco ilhas nasce toda a noz moscada & e massa, que se leva per todalas partes do mundo: como em Maluco o cravo.” (Id., ibid.) “E quando estão em frol, que he no tempo que a tem muitas plantas & hervas, q̃ nascẽ per entre ellas: faz-se da mistura de tanta frol, hũa composição de cheiro, que não pode semelhar a nenhum dos q̃ cá temos entre nós.” (Id., ibid.) É a semente da *Myrjica fragrans*, Houuttuyn (CF, FL, p. 76)

OS LUSÍADAS

133.5-6

“Olha também Bornéu, onde não faltam / Lágrimas no licor ...”: é a árvore da cânfora. Esta é produzida pela *Driobalanops aromatica*, Gäertn., natural de Bornéu e de Samatra. O Poeta pintou muito bem a exsudação da goma para as fendas do lenho e aí se solidifica em massa semicristalina, numas lágrimas ou gotas pequenas (v. CF, FL, pp. 78-80).

134.1-5

“Ali também Timor, que o lenho manda”: é a madeira do *Santalum album*, L., árvore da família das Santaláceas, que se encontra espontânea em algumas partes da Índia, várias ilhas do arquipélago malaio e Timor (v. CF, FL, p. 80); “Olha a Sunda, tão larga que ùa banda / Esconde pera o Sul dificultoso”: “... & passada çüda está para leste a ilha da Jaoa, q̃ jaz leste oeste” (Castanheda, III.LXII). Em outro lugar: “& antrelas está çunda que he pedaço da de çamatra, em que ha muyta & muy boa pimẽta “ (id., ibid.); “A gente do sertão que as terras anda”: na *Carta a ùa dama* escreveu o Poeta:

*Lá para onde o sol cai
descobrimos, navegando,
un novo rio admirando,
que o lenho que nele cai,
em pedra se vai tornando.*

135.1-6

“Vê naquela que o tempo tornou Ilha”: alude de novo à ilha de Samatra (X.124.1-8); “Que também flamas trémulas vapora”: tem vulcões; “A fonte que óleo mana, ...”: “alem da muita quãtidade de ouro que nella ha, tambem se acha muita copia de estanho, ferro & algũ cobre, salitre, enxofre, tintas de minas: & hũ fonte de q̃ mana oleo, a que chamão napta em o reyno de Pacem, & no meio tem hum monte como o chamado Etna em a ilha Sicilia, pr̃ q̃ lança fogo, aq̃ os da terra chamão Balalum.” (Barros, III.V.I); “... e a maravilha / Do cheiroso licor que o tronco chora”: é o *benjuin*, resina de uma pequena árvore das florestas de Java e de Samatra, o *Styrax Benzoin*, Dryander; enquanto à droga do mesmo nome, proveniente do Sião, não está bem tirada a limpo a sua procedência botânica» (CF, FL, p. 82). Garcia de Orta distingue o *benjny amendoado* de Sião e Martabão de uma droga mais negra de Samatra, à melhor da qual chamavam

OS LUSÍADAS

benjuy de boninas (cit. CF, FL, p. 84); “Cheiroso, mais que quanto... / De Ciniras, na Arábia, onde ela mora”: nestes versos fala Camões da celebrada Mirra. A resina deste nome é produzida por uma pequena árvore da família das Burseráceas, a *Balsamodendron Myrrha*, Nees von Esembeck, que cresce na Arábia (CF, FL, p. 85).

136.1-8

“Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta / Tanto que as nuvens passa ...”: é pico de Adão. Foi dali, segundo os Mouros, que Adão subiu ao céu, encontrando-se lá uma laje com as suas pegadas; “Nas ilhas de Maldiva nace a pranta”: a árvore, uma palmeira de grandes dimensões, a *Lodoicea Seychellarum*, Labfl., ficou desconhecida por muito tempo. Não assim os seus frutos, cocos de notável grandeza, que, caindo no mar, eram levados para oriente pelas correntes marítimas. Ocasionalmente eram arremessados às praias em diferentes regiões e mais particularmente nas inúmeras ilhas baixas e *atolls* das ilhas Maldivas. Julgaram tratar-se de produtos marinhos e puseram-lhes o nome de *cocos do mar* e *cocos das Maldivas* (CF, FL, pp. 86 e 87). Reputado como antídoto excelente.
Ort.: *nace* (por *nascê*); *pranta* (por *planta*).

137.1-6

“Verás defronte estar do *Roxo Estreito* / Socotorá, co amaro aloé famosa”: estreito do mar Roxo; “do suco amargo das folhas de diversas espécies de aloé, plantas carnosas da família das Liliáceas, se obtém esta droga. A espécie mais conhecida, *Aloë Socotrina*, Lamark, habita a ilha donde tirou o nome, assim como outras regiões vizinhas do mar Vermelho, e parte ocidental do mar das Índias” (CF, FL, p. 89); “... na costa de África arenosa, / Onde sai do cheiro mais perfeito / A massa, ...”: v. VI.25.6-8.

138.5-6

“Mas é também razão que, no Ponente, / Dum Lusitano um feito inda vejais”: é o “agravado” Lusitano do v. 7, Fernão de Magalhães. Descobriu em 1520 o estreito que tem o seu nome. Empreendeu a primeira viagem de circum-navegação do Globo, mas foi morto nas Filipinas.

139.1-6

“Vedes a grande terra que continua / Vai de Calisto ao seu contrário Pólo”: que vai do Pólo Norte ao Pólo Sul – a América; “Que

OS LUSÍADAS

soberba a fará a luzente mina / Do metal que a cor tem do louro
Apolo”: as minas de ouro; “Castela ... será dina / De lançar-lhe o
colar ao rudo colo”: de a submeter.

Ort.: *contina* (por *contínua*); *dina* (por *digna*).

140.1-2

“Mas cá onde mais de alarga, ali tereis / Parte também, co *pau
vermelho* nota”: o Brasil, que teve no início do descobrimento o nome
de Santa Cruz. *Pau vermelho*: refere-se aqui Camões ao *pau-brasil* da
América, de cor vermelha, produzido por diversas árvores do género
Caesalpinia, da família das Leguminosas, e por outra árvore da mesma
família, o *Peltophorum Linnæi*, Bentham. O *brasil* (nome que se julga
derivado da sua cor rubra) já era conhecido na Europa. Nas terras de
Santa Cruz havia muito *brasil*. E a exploração comercial levou de
vencida a designação inicial (CF, FL, pp. 91 a 94).

140.7-8

“O Magalhães, no feito, com verdade, / Português, porém não na
lealdade”: Fernão de Magalhães, “homem de boa casta” (como diz
Damião de Góis na *Crónica de D. Manuel*), que se achara com Afonso
de Albuquerque na tomada de Malaca, pediu a el-rei D. Manuel que
lhe acrescentasse mais duzentos reais por mês, “que he meo cruzado
douro”, e o rei deu-lhe de acrescentamento “hum tostam”.

Achando-se desfavorecido, foi colocar-se ao serviço de Carlos V,
dando-lhe a entender que as ilhas de Maluco e Banda estavam nos
limites das demarcações de Castela. Magalhães partiu de Sevilha aos
8 de Março de 1519 (v. Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, t.
IV, pp. 94 e segs., Coimbra, 1955).

141.3-8

“Dũa estatura quási giganteia / Homens verá, da terra ali vizinha”:
os primeiros europeus que viram “patagões” (habitantes da
Patagónia), homens de alta estatura, foram Magalhães e seus
companheiros; “Co nome dele agora, ...”: o Poeta esqueceu-se de
que era a Ninfa que estava a falar e falou por ela, dando como
realizado um facto que ainda estava para se realizar ao tempo da
viagem do Gama; “... o qual caminha / Pera outro mar ...”: o oceano
Pacífico, tendo dado a volta pelo extremo do oceano Atlântico; “... e
terra que fica onde / Com suas frias asas o Austro a esconde”: para
outra terra ainda desconhecida.

OS LUSÍADAS

143.5

“Levam refresco ...”: provisão de vitualhas frescas.

144.2-8

“Com vento sempre manso e nunca irado”: a mesma ideia expressa por forma positiva e negativa; “Até que houveram vista do terreno / Em que naceram ...”: o Poeta eliminou neste final as circunstâncias históricas. Nicolau Coelho apartou-se da armada e chegou a Cascais em 10 de Julho de 1499. Vasco da Gama na ilha de Santiago fretou uma caravela para levar seu irmão Paulo da Gama, muito doente – tão doente que faleceu –, à ilha Terceira. Vasco da Gama chegou a Belém em Setembro do mesmo ano. A viagem durara dois anos e dois meses; “O prémio e glória dão por que mandou”: entregam a seu rei a glória e o prémio por aquilo que ordenou; “E com títulos novos se ilustrou”: o rei de Portugal, que até então se intitulava *Rei de Portugal e dos Algarves, de aquém e de além Mar em África, Senhor da Guiné*, acrescentou depois do descobrimento da Índia: *e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia*.

145.1-8

“Nô mais, Musa, nô mais, ...”: o *nom*, forma antiga do advérbio de negação, manteve-se em próclise com *mais*, mas perdeu a nasalização. Em III.67.8 e em duas canções usa a mesma forma: “Canção, nô mais ...” e “Nô mais, Canção, nô mais ...”; “... que a Lira tenho / Destemperada ...”: desafinada; “O *favor com que* mais se acende o engenho”: o apoio com que; “Dũa austera, apagada e vil tristeza”: de uma sombria, amortecida e mesquinha tristeza.

146.2-6

“Não tem ...”: ela, a Pátria; “... por divino / Conselho ...”: por Providência Divina.

Ort.: *contino* (por *contínuo*).

147.6-8

“A golpes de Idolátras ...”: a palavra torna-se grave por motivo da acentuação métrica; “... ao profundo”: ao mar (profundo).

Ort.: *liões* (por *leões*); *pexes* (por *peixes*).

148.2-7

“De vós tão longe ...”: apesar de tão longe de vós; “Demónios

OS LUSÍADAS

infernais, *negros* e ardentes”: imagem do guerreiro invencível. *Negros* da pólvora e do fumo das batalhas; “Cometerão convosco ...”: acometerão.

149.1-3

“Favorecei-os logo ...”: portanto; “... e leda humanidade”: com alegre afabilidade; “De rigorosas leis desalivai-os”: aliviai-os.

150.1-6

“Todos favorecei em seus ofícios, / Segundo têm das vidas o talento”: a cada um conforme a sua capacidade; “Tenham Religiosos exercícios”: tenham os religiosos a ocupação; “De rogarem, por vosso regimento, /... / ... pelos vícios / Comuns ...”: de rogarem pelo cumprimento de vossas leis e pelos vícios comuns.

151.3

“... a Lei de cima”: a lei de Deus.

152.2-8

“... Galos, . . .”: está por “Franceses”; “Mais em particular o experto sabe”: o Poeta faz a apologia da experiência e exemplifica na estância seguinte.

153.1-4

“De Formião, filósofo elegante”: filósofo peripatético do tempo de Aníbal, com escola em Éfeso, que falou doutoralmente sobre artes bélicas diante do chefe militar. A anedota é contada por Cícero no *De Oratore*, II.18.

No segundo verso tem de ler-se “Anibál” por causa da acentuação métrica; “A disciplina militar prestante”: v. AP, *EC*, p. 12.

154.3-6

“Da boca dos pequenos sei, contudo”: tradução da passagem bíblica: “*ex ore infantium et lactentium perficisti laudem ...*” (“Salmo 8”, v. 3), MR; “Nem me falta na vida honesto estudo, / Com longa experiência misturado”: v. AP, *EC*, p. 2: “O ‘honesto estudo’ e a ‘longa experiência’.”

OS LUSÍADAS

155.1-8

“Pera servir-vos, braço às armas *feito*”: afeito; “Só me falece ...”: só me falta; “De quem virtude deve ser prezada”: virtude (*virtus*), merecimento; “... a vossa inclinação ...”: a vossa propensão.

156.1-4

“Ou fazendo que, mais que a de Medusa / A vista vossa tema o monte Atlante”: *Perseu* converteu *Atlas* em rochedo, mostrando-lhe a cabeça de *Medusa*. Atlas (Marrocos) deve temer mais ainda a vista do rei; “Ou rompendo nos campos de *Ampelusa*”: v. III.77.3; “Os muros de Marrocos e *Trudante*”: *Trudante* ou *Tarudante*, capital de província vizinha de Marrocos.